
Negro e Vermelho:

*anarquismo, sindicalismo revolucionário e pessoas de cor na África Meridional nas décadas de 1880-1920**

Lucien van der Walt**

Resumo: Este artigo examina a história inicial do anarquismo e do sindicalismo revolucionário na África do Sul, uma sociedade colonial que se industrializou no final do século XIX, e nos arredores da região sul-africana. A África do Sul era caracterizada, nessa época, por um movimento sindical militante, mas que era dividido nacional e racialmente, e pela opressão nacional das pessoas de cor, que constituíam a maioria da população. Em oposição à opressão nacional e à segregação, mas também assumindo uma posição crítica ao nacionalismo africano e de cor, os anarquistas e os sindicalistas revolucionários desenvolveram uma análise da opressão nacional cada vez mais sofisticada, recrutaram e treinaram um quadro multirracial, formaram sindicatos gerais pioneiros e revolucionários contra as pessoas de cor e continuaram a influenciar o trabalho regional, branco e negro, e a esquerda, em geral, após a formação do Partido Comunista da África do Sul (South African Communist Party – CPSA) em 1921.

Palavras-chave: anarquismo, sindicalismo, comunismo, conselho comunista, colonialismo, raça, nacionalismo, questão nacional, África do Sul, Congresso Nacional Africano, Trabalhadores Industriais da África, Liga Socialista Internacional, Federação Democrática Social.

Abstract: This article examines the early history of anarchism and revolutionary syndicalism in South Africa, a colonial society that industrialised in the late nineteenth century, and in the surrounding southern African region. South Africa was characterised at the time by a militant (but nationally and racially divided) union movement, and by the pervasive national oppression of people of colour, the majority. Opposed to national oppression and segregation, yet critical of African and Coloured nationalism, the anarchists and revolutionary syndicalists developed an increasingly sophisticated analysis of national oppression, recruited and trained a multi-racial cadre, formed pioneering general and revolutionary syndicalist unions amongst people of colour, and continued to influence regional labour, white and black, and the left, generally, after the formation of the Communist Party of South Africa (CPSA) in 1921.

Keywords: anarchism, syndicalism, communism, council communism, colonialism, race, nationalism, national question, South Africa, African National Congress, Industrial Workers of Africa, International Socialist League, Social Democratic Federation.

INTRODUÇÃO

O anarquismo e o sindicalismo revolucionário surgiram, na área que se tornou a África do Sul, desde o final do século XIX, e tiveram importante impacto no país e na área da África Meridional adjacente no século XX¹. Essas tradições, profundamente

* Tradução: Fabiane Popinigis e Neusa Popinigis. Título original: *Black and Red: anarchism, revolutionary syndicalism, and people of colour in southern Africa, 1880s-1920s*.

** Associate Professor da University of the Witwatersrand, Joanesburgo, África do Sul.

¹ “África do Sul” refere-se, especificamente, ao território que foi unificado como a União da África do Sul, domínio britânico estabelecido em 1910, que se tornou a República da África do Sul em 1961. África

entrelaçadas, desenvolveram-se, localmente, em um movimento multirracial e anticapitalista, em oposição à dominante opressão sobre as pessoas de cor² – a maior parte da população – e se centralizou, cada vez mais, em uma estratégia de Um Grande Sindicato (One Big Union) como instrumento de classe, bem como de liberação nacional. Os primeiros sindicalistas que estabeleceram raízes entre as pessoas de cor na África do Sul, os anarquistas e os sindicalistas-revolucionários, foram também os primeiros a desenvolver um enfoque internacionalista e de classe bem delineado em relação à questão nacional na África do Sul. A questão nacional consistia nas profundas divisões raciais e nacionais e na opressão da maioria africana e das minorias indiana e de cor.

É essencial reconhecer que, em primeiro lugar, o anarquismo e o sindicalismo, na África do Sul, incluíam muitas pessoas de cor, entre elas Fred Cetiwe, Johnny Gomas, Hamilton Kraai, R. K. Moodley, Bernard L. E. Sigamoney e T. W. Thibedi, juntamente, com radicais brancos como W. H. “Bill” Andrews, A. Z. Berman, S. P. Bunting, Andrew Dunbar, Henry Glasse, Wilfred Harrison e H. B. “Barney” Levinson.

Em segundo lugar, no centro do movimento, havia um número pioneiro de iniciativas sindicalistas gerais multirraciais, seguido de sindicatos revolucionários baseados, quase que totalmente, entre as pessoas de cor. Dentre eles, estavam o Sindicato Industrial dos Trabalhadores do Vestuário (Clothing Workers Industrial Union), o Sindicato dos Cocheiros (Horse Drivers’ Union), o Sindicato Industrial dos Trabalhadores em Doces e Geléias (Sweet and Jam Workers Industrial Union), e, o mais importante, o Trabalhadores Industriais da África (Industrial Workers of Africa - IWA).

Finalmente, em terceiro lugar, os anarquistas e os sindicalistas revolucionários tiveram um impacto sobre o grupo nacionalista de cor, a Organização Política Africana (African Political Organisation – APO) e sobre o grupo nacionalista africano, o Congresso Nacionalista Nativo da África do Sul (South African Native Nationalist Congress – SANNC) que, mais tarde, tornou-se o Congresso Nacional Africano (African National Congress – ANC). Na verdade, neste grupo, havia uma facção sindicalista revolucionária na década de 1910. Além disso, os sindicalistas revolucionários exerciam uma marcante, ainda que passageira, influência sobre o Sindicato Industrial dos Trabalhadores da Construção (Building Workers Industrial Union – BWIU),

Meridional refere-se à região sul da África: é comumente considerada como incluindo todos os países africanos situados abaixo dos trópicos, inclusive a África do Sul e seus vizinhos mais próximos.

² O termo “Pessoas de cor” abrange todos os não-brancos, incluindo “coloureds”, indianos e africanos negros. O termo “coloured”, no contexto sul africano, refere-se a pessoas de raças misturadas, culturalmente ocidentalizados e majoritariamente falantes de africâner. Uma grande proporção de “coloured” (mestiços) descendia das classes baixas de criados, escravos, marinheiros e soldados na antiga Colônia do Cabo.

constituído, principalmente, por brancos, sobre a Federação do Trabalho do Cabo (Cape Federation of Labour), formada por brancos e por pessoas de cor, e sobre uma secção dos movimentos dos “comitês de obras” nas minas.

Essa história e suas impressionantes realizações têm sido quase que totalmente negligenciadas na bibliografia existente. Os trabalhos sobre a história da esquerda na África do Sul, sobre seu relacionamento com os sindicatos e sobre suas posições a respeito da questão nacional foram, durante muito tempo, dominados pelos relatos de estudiosos relacionados ao Partido Comunista da África do Sul (Communist Party of South Africa – CPSA) e pelo seu sucessor secreto, o Partido Comunista Sul Africano (South African Communist Party – SACP), formado em 1953.

O trabalho desses estudiosos – aos quais se denomina de “Escola Comunista” –, naturalmente, está centralizado na história do CPSA/SACP e na determinação de se declarar como a “verdadeira vanguarda dos trabalhadores”, imersa na “luz da ciência Marxista-Leninista”³. Em relação à esquerda anterior ao CPSA, essa bibliografia apresentou-a como compreendendo duas correntes, inclusive nos mesmos grupos.

Havia, supostamente, um agrupamento protobolchevista, o “núcleo comunista” dos “verdadeiros socialistas”⁴ que, ainda em meados da década de 1920, estavam “cada vez mais próximos da posição de Lênin”, lançando, mais tarde, o CPSA⁵. Esses “verdadeiros socialistas” são favoravelmente contrastados com o resto da esquerda – na qual o anarquismo e o sindicalismo revolucionário são caracterizados como uma minoria, particularmente, pernicioso – cuja postura é retratada como característica de uma “ultraesquerda” de uma ineficiência sectária e de um dogmatismo abstrato.

Em termos da questão nacional, a minoria protobolchevista, germe da “verdadeira vanguarda”, é declarada como tendo desenvolvido, somente ela, uma atitude, mais estritamente, de “classe trabalhadora” em relação aos negros⁶. O resto, na melhor das hipóteses, teria falhado, ignorando o “significado revolucionário” de direitos iguais, “deliberadamente” evitando a questão da cor⁷ e, na pior das hipóteses,

³ Dedicatória no frontispício de HARMEL, Michael. *Fifty Fighting Years: The Communist Party of South Africa 1921-71*, (escrevendo como “A. Leruno”). Londres: Inkululeko Publications, 1987. [1ª. Ed. 1971].

⁴ DADOO, Yusuf. Introduction by Dr Yusuf Dadoo, National Chairman of the South African Communist Party. In: BUNTING, Brian (ed.) *South African Communists Speak: documents from the History of South African Communist Party, 1915-1980*. Londres: Inkululeko Publications, 1981, p. xv.

⁵ BUNTING, Brian. *Moses Kotano: South African Revolutionary*. London: Inkululeko Publications, 1975, p. 20; BUNTING, Brian (ed.), *South African Communists Speak*, op.cit., p. 48; HARMEL, pp. 33-37.

⁶ ROUX, Eddie. *Time Longer than Rope: a history of the black man's struggle for freedom in South Africa*. 2a. ed. Madison: Wisconsin University Press, (1a. ed. 1964) 1978, p. 124.

⁷ CRONIN, Jeremy. Origins and 'Native Republic'. In: BUNDY, Colin (ed.). *The History of the South African Communist Party*. Cape Town: Department of Adult Education and Extra-Mural Studies, University of Cape Town, 1991, p. 12.; HARMEL, Michael. *Fifty Fighting...* op. cit., p. 42.; ROUX, Eddie. *S. P. Bunting, A*

adotando uma plataforma de segregação racial e de intolerância⁸. Entretanto, mesmo a “obra socialista pioneira” dos protobolchevistas falhou, em última análise, segundo a escola comunista: apenas com a orientação da Internacional Comunista (Comintern), no final da década de 1920, a CPSA, finalmente, voltou-se para a questão nacional de forma adequada, adotando o nacionalismo africano⁹. Apenas então, supostamente, a esquerda estabeleceu raízes entre as pessoas de cor, isto é, apenas através do nacionalismo, um quadro socialista negro poderia ser desenvolvido.

Esse conjunto de pressupostos está, conforme será mostrado, fundamentalmente, em desacordo com toda a evidência. É menos uma análise intelectual do que um conjunto de posições ideológicas a favor dos interesses da CPSA/SACP. As ideias sindicalistas revolucionárias e anarquistas marcaram presença, a partir da década de 1880, e se tornaram influentes depois da virada do século, alcançando o ápice na década de 1910. O Trabalhadores Industriais do Mundo (Industrial Workers of the World – IWW ou “Wobblies”), grupo que se formou, nos Estados Unidos em 1905, foi uma influência fundamental. O bolchevismo levou muitos anos para se estabelecer localmente. A Revolução Russa de 1917 foi vista, localmente, a princípio, como uma justificação do sindicalismo revolucionário e a vitória da “democracia industrial”, com os soviets, simplesmente, como a “forma russa de Sindicato Industrial”¹⁰. Na verdade, poucos “chegaram perto da posição de Lênin” (falta referência), mesmo por volta de 1920. A fundação do CPSA, reconhecida pelo Comintern, mostrou uma mudança definida, inegável, em direção ao marxismo-leninismo. Porém, o anarquismo e o sindicalismo revolucionários continuaram a exercer uma importante influência na década de 1920. Fora do partido, esses movimentos teriam um impacto, através do Conselho de Ação nas minas, e,

Political Biography. Belville: Mayiubuye Books, University of the Western Cape, (1a. ed. 1944) 1993, pp. 74-77. Ver também: ROUX, Eddie. *Time Longer...* op. cit., pp. 129-135. e SIMONS, Jack e SIMONS, Ray. *Class and Color in South Africa, 1850-1990*. Londres: Fundo Internacional de Defesa e Assistência, (1ª Ed. 1969) 1983, pp. 139-141, p. 144-145 e pp. 154.

⁸ BUNTING, Brian. *Moses Kotane...* op. cit., p. 19.; ROUX, Eddie. *Time Longer...* op. cit., p. 125. e SIMONS, Jack e SIMONS, Ray. *Class and...* op. cit., pp. 191-192.

⁹ BUNTING, Brian. *Moses Kotane...* op. cit., p. 20, p.186; CRONIN, Jeremy. *Origins and...* op. cit., p. 14. CRONIN, Jeremy. *Rediscovering our Socialist History. South African Labour Bulletin*. [s.c.]: [s.e.], Vol. 15, nº. 3, [s.m.], 1990, pp. 99-100. Apud. FORMAN, Sadie e ODENDAAL, Andre. *Introduction*. FORMAN, S. e ODENDAAL, A. (eds.). *Lionel Forman: A Trumpet from the Rooftops*. Londres/Cidade do Cabo/Johanesburgo/Athens/Ohio: Zed Books/David Philips/Ohio University Press, 1992, p. XXIV; HARMEL, Michael. *Fifty Fighting...* op. cit., p.42, p.86, pp. 87-89, pp. 93-94 e pp. 96-97. e SIMONS, Jack. *Lectures on Marxism-Leninism, Novo Catengue 1977-1979*. In: SPARG, M., SCHREINER, J. e ANSELL, Gwen (org.) *Comrade Jack: the political lectures and diary of Jack Simons, Novo Catengue*. New Doornfontein/Johanesburgo: STE Publishers/African National Congress, (1977-1979) 2001, p. 183 e também p. 153.

¹⁰ Russian Workmen Vindicate Marx. In: *O Internacional*, 18 de maio de 1917, (doravante apenas *Int.*); The Decline and Fall of of Political Democracy. In: *Ibidem*, 1º de fevereiro de 1918. e The Call of the Bolsheviks-League Manifesto. In: *Ibidem*, 1º de março de 1918.

especialmente, através do eclético - e o regionalmente ativo - Sindicato dos Trabalhadores Industriais e Comerciais da África (Industrial and Commercial Workers Union of Africa –ICU).

As reivindicações da “escola comunista”, não obstante, permanecem, profundamente, impressas em quase toda a literatura acadêmica sobre a história da esquerda na África do Sul¹¹. Embora a história do anarquismo e do sindicalismo revolucionário tenha começado a ser levada a sério, recentemente¹², muito pouco tem sido feito no sentido de um estudo sério do movimento, menos ainda uma reavaliação do seu envolvimento com a questão nacional¹³.

A questão da raça foi sempre fundamental para o movimento. A revolução industrial, no que se tornaria a África do Sul (ver abaixo), ajudou a forjar um número de Estados desiguais em uma única entidade. A conquista imperial britânica forjou tais Estados em um só, em 1910, um domínio britânico chamado de União da África do Sul, baseado na dominação branca, com uma franquia restrita aos homens brancos¹⁴. A União abrangia duas colônias britânicas – Colônia do Cabo, renomeada de Província do Cabo em 1910, e Natal –, duas repúblicas africanas conquistadas – Transvaal e Estado Livre de Orange –, como províncias, e vários Estados africanos desmembrados, incluindo os Estados de Pedi, de Zulu e de Xhosa, como “reservas nativas” súditas.

A maioria da classe trabalhadora abrangia africanos subjugados, não livres e pobres, “nativos” falantes de línguas Banto. Muitos eram oriundos das reservas e outros vinham das colônias vizinhas. A maior parte deles trabalhava em fazendas e o restante trabalhava na mineração, nas docas, na manufatura e no setor público. Na

¹¹ Para ver uma argumentação mais longa sobre o tema, cf. Notavelmente, VAN DER WALT, Lucien. *Anarchism and Syndicalism in South Africa, 1904-1921: Rethinking the History of Labour and the Left*. Johannesburg: University of the Witwatersrand (PhD), 2007, particularmente os capítulos 1 e 2.

¹² Além do trabalho deste escritor, há material em: HYSLOP, Jonathan. *The Notorious Syndicalist: J. T. Bain, A Scottish Rebel in Colonial South African*. Johannesburg: Jacana Media, 2004.; DREW, Allison. *Discordant Comrades: identities and loyalties on the South African Left*. Pretoria: University of South African Press, 2002, especialmente, pp.20-40. Há ainda importantes partes de KATZ, Elaine. *A Trade Union Aristocracy: a history of white workers in the Transvaal and the General Strike of 1913*. Johannesburg: Institute for African Studies, University of the Witwatersrand, 1976. e MANTZARIS, Evangelos. *Labour Struggles in South Africa: the forgotten pages, 1903-1921*. Windhoek e Durban: Collective Resources Publications, 1995.

¹³ Assim, permanece, amplamente, a opinião segundo a qual a CPSA (Partido Comunista da África do Sul) foi a primeira organização socialista a “posicionar os problemas sociais urgentes, as questões nacionais, democráticas e de terra no topo do seu programa político”, e então apenas a partir de 1918, por ordem do Comintern: DREW, Allison (ed.) *South Africa's Radical Tradition: a documentary history, Vo. 1, 1907-1959*. Cidade do Cabo: University of Cape Town Press/Buchu Books/ Mayibuye Books/University of the Western Cape, 1996, p. 22 e p. 16.

¹⁴ O Cabo tinha uma franquia de qualificação daltônica desde a metade do século XIX, e um significativo voto africano e de cor, mantida até mesmo depois da União; a cidade de Natal também permitia que algumas pessoas de cor votassem, porém era muito mais restritiva que o Cabo.

maioria dos setores, eram trabalhadores por contrato. Acima dessa camada existiam muitas esferas de trabalho livre. Ali, estavam os brancos – cuja maioria pertencia à classe trabalhadora e vários deles eram muito pobres –, os de cor – pessoas de raças misturadas, a maioria descendente de antigos escravos e criados e, geralmente, de língua africânder –, os indianos – a maior parte hindu, largamente descendente de trabalhadores contratados – e, finalmente, um número não insignificante de africanos. Todas as pessoas de cor, livres ou não livres, enfrentavam uma incessante discriminação oficial e corporativa, que incluía recursos precários para instrução e para outros serviços, salários desiguais para o mesmo trabalho, sistema de passaporte interno para os africanos (as “leis do passe”) e restrições sobre propriedades de terras.

Todo o trabalhador livre temia ser substituído, a salários mais baixos, pelo trabalhador não livre. Esse temor era fortalecido e, frequentemente, manifestado através dos conflitos raciais que também infestavam o meio do trabalho livre.

A maioria dos trabalhadores brancos era a favor do “Trabalhismo Branco”: reformas de bem estar e reserva de trabalho para os brancos, segregação racial e repatriação asiática. Essa era a plataforma, de fato, da maioria dos sindicatos de trabalhadores até meados de 1910. Os trabalhadores brancos, muitos dos quais eram descendentes de imigrantes britânicos, estabeleceram os primeiros sindicatos desde a década de 1880. Fora da Cidade do Cabo, onde os trabalhadores de cor eram admitidos, os sindicatos eram restritos aos brancos e os primeiros sindicatos independentes entre as pessoas de cor surgiram apenas na década de 1910. O Trabalhismo Branco era também a plataforma explícita do sindicato apoiado pelo Partido Trabalhista da África do Sul (SA Labour Party), lançado em 1910.

Ao contrário, os anarquistas e os sindicalistas revolucionários opunham-se, consistentemente, ao Trabalhismo Branco. Além de desconfiar do seu foco sobre as eleições e as reformas e do seu apoio para o sindicalismo regional de ofícios, os sindicalistas e os anarquistas revolucionários colocavam-se, explicitamente, contra o seu impulso segregacionista. Em lugar do sindicalismo exclusivo, eles eram a favor de uma unidade de classe trabalhadora que atravessasse as fronteiras da linha de cor. Ao invés de unir brancos contra negros, eles defendiam unir os trabalhadores, sem distinção de raça, contra a classe dominante. Eles desenvolveram uma crescente crítica radical contra a discriminação racial e contra o preconceito, rejeitando doutrinas como, por exemplo, o Trabalhismo Branco e o racismo científico. Na sua forma mais desenvolvida, o sindicalismo revolucionário considerava O Grande Sindicato (*One Big Union*) como, simultaneamente, o molde para a unidade de classe, a arma contra a opressão nacional das pessoas de cor e o meio para a revolução social.

A INDUSTRIALIZAÇÃO DA ÁFRICA DO SUL

O contexto destes desenvolvimentos foi a revolução industrial que reformulou o interior da África do Sul depois da década de 1860. Anteriormente, a região estava ligada à economia mundial apenas marginalmente, e tal ligação estava centralizada na Cidade do Cabo. Com a abertura das minas de diamantes (1867) e de ouro (1886), grandes quantias de capital, principalmente europeu, inundaram a, até então, isolada área de Witwatersrand. O independente e empobrecido Transvaal tornou-se, subitamente, o local de grandes minas subterrâneas, com investimento estrangeiro direto em uma escala que excedia todos os outros investimentos europeus na África na era do Imperialismo¹⁵. Em resumo, passou a ser o coração da África Meridional, reformulando a região inteira. De uma cidade de acampamento de 3.000 exploradores, em 1886, Johannesburgo tornou-se, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, o lar de um quarto de milhão de habitantes, o centro de um vasto complexo urbano e a cidade mais importante da África¹⁶.

Nessa época, algumas casas de mineração gigantescas e sua Comissão de Minas dominavam a indústria da mineração. Enfrentavam uma grande classe trabalhadora plurinacional, poliglota e irrequieta, vinda da América do Norte, da Europa e da África meridional. Por volta de 1913, havia um número estimado de 40.000 trabalhadores brancos, no Witwatersrand, dos quais 22.000 trabalhavam nas minas, e 245.000 trabalhadores africanos, dentre os quais, 195.000 trabalhavam nas minas¹⁷. As profundas divisões, na classe trabalhadora, evidenciavam-se, especialmente, nas minas. Os brancos que nelas trabalhavam eram, em geral, trabalhadores urbanos que, cada vez mais, moravam com suas famílias, possuíam alguns direitos básicos e dominavam tarefas especializadas e de supervisão. Os africanos que trabalhavam nas minas eram, tipicamente, migrantes contratados, cujas famílias residiam, permanentemente, na zona rural. Sem direitos básicos, eram alojados, principalmente, em *compounds* fechados, nas dependências das minas.

As divisões étnicas também constituíam um fator importante para ambas as raças. As guerras imperiais da Grã-Bretanha contra os últimos Estados africanos e africaneres – habitantes brancos descendentes de alemães, de holandeses e de franceses – foram brutais. A guerra Anglo-Bôer (1889-1902) contra as repúblicas

¹⁵ FREUND, Bill. The Social Character of Secondary Industry in South Africa: 1915-1945. In: MABIN, Alan (ed.). *Organisation and Economic Change*. Johannesburgo: Ravan Press, 1989, p. 81.

¹⁶ KRUT, Riva. The Making of a South African Jewish Community. In: BOZZOLI, Belinda (org.). *Class, Community and Conflict*. Johannesburgo: Rava Press, 1988, pp.135-136.

¹⁷ HIRSON, Baruch e WILLIAMS, Gwyn A. *The Delegate for Africa: David Ivon Jones 1883-1924*. London: Core Publications, 1995, pp. 106-116.

independentes dos africanos consistiu em uma tática de terra arrasada e de internamento civil em massa, nos campos de concentração, que resultou na morte de 28.000 africanos e 14.000 africanos. Isto forneceu munição para um movimento popular nacionalista africano.

Entre os mineiros africanos, os *compounds* eram, rotineiramente, segregados por etnia e também havia um grau de dominação de trabalho étnico. A existência de conflitos violentos não era incomum nas minas. Fora das minas, existiam os “municípios” ou as “locações” para pessoas de cor, embora muitos, incluindo uma grande parte dos 40.000 africanos urbanos, em Johannesburgo, por volta de 1909, vivessem em favelas multirraciais ao lado de brancos pobres¹⁸. As favelas, locais de unidade de raças cruzadas e de misturas, eram também atormentadas pela violência inter-racial no final da década de 1910 e no início da década de 1920.

Entretanto, existiam, também, pontos de convergência entre as diferentes camadas de trabalhadores: problemas de saúde estereotipados nas minas, alto custo de vida, escassez de moradia e ferocidade do Estado local. Os casamentos inter-raciais eram, suficientemente, comuns a ponto de alarmar as autoridades estaduais. Embora raros, existiam também momentos ocasionais de unidade de trabalho inter-racial. Era essa unidade que os anarquistas e os sindicalistas revolucionários locais mais desejavam.

EMERGÊNCIA DO ANARQUISMO E SINDICALISMO A PARTIR DA DÉCADA DE 1880

Foi nesse contexto que surgiu uma tradição socialista libertária local. Imigrante inglês nascido na Índia, anarquista ativista pioneiro e integrante do Grupo da Liberdade de Peter Kropotkin, Glasse chegou a Colônia do Cabo em 1881. Morando na cidade costeira de Porto Elizabeth, escreveu para o Grupo da Liberdade, traduziu diversos escritos de Kropotkin para o inglês e atuou como distribuidor local de materiais da Imprensa da Liberdade. Glasse também organizou um Clube Socialista, em Porto Elizabeth, na virada do século, uma das primeiras iniciativas de esquerda no país.

Preparando o caminho para militantes posteriores, Glasse enfatizou, em uma carta para Kropotkin, a opressão que sofriam os africanos. Descreveu como eram alojados em guetos, segregados nos trens, ludibriados nos pagamentos, sujeitos a toque de recolher e sempre “roubados e maltratados” na “terra que outrora lhes

¹⁸ HARRIES, Patrick. *Work. Culture and Identity: migrant labourers in Mozambique and South Africa c.1860-1910*. Johannesburgo/Portsmouth NH/Londres: Witwatersrand University Press/Heinemann James Currey, 1994, p. 199.

pertencera – a própria terra natal!”¹⁹ Estava convencido de que justiça, para as massas africanas, exigia ativa solidariedade da classe trabalhadora: “Pois um trabalhador branco na África do Sul ter a pretensão de travar a sua batalha com sucesso, independentemente dos escravos de cor remunerados – a vasta maioria – é, a meu ver, simplesmente idiotice.”²⁰ Como Kropotkin, ele defendia, firmemente, o sindicalismo revolucionário, pregando a “ação direta ... em detrimento da política – quero dizer, naturalmente, política parlamentar” e o “grande conflito final – a Greve Geral que será também a Revolução Social.”²¹

Outras iniciativas surgiram nessa época. Dois anarquistas portugueses, que estavam sendo deportados para o Timor Leste, escaparam, na Cidade do Cabo: João Manuel Rodrigues e Gilberto dos Santos²². Trabalhadores italianos, no Witwatersrand e na Cidade do Cabo, doaram dinheiro para a imprensa anarquista internacional de língua italiana entre a década de 1890 e a década de 1910²³. Vários anarquistas lutaram ao lado de milícias africâneres na guerra Anglo-Bôer (1899-1902)²⁴. Em julho de 1904, dois supostos anarquistas foram deportados do Transvaal devido a um suposto plano para assassinar o governador colonial, Lord Milner²⁵. A “Propaganda pela Ação” nunca foi, entretanto, influente localmente. Em Johannesburgo, Glasse encontrou um mercado pronto para o *Khleb i Volia*, de Kropotkin, escrito em língua russa – “Pão e Liberdade”, de Genebra – entre imigrantes judeus²⁶. Além dos

¹⁹ GLASSE, Henry. “International Notes. South Africa.” *Freedom*. Novembro-dezembro de 1905.

²⁰ Letter fom Glasse. In: *The Voice of Labour*, 26 de janeiro de 1912 (doravante apenas VOL.).

²¹ GLASSE, Henry. To Work! To Work! A Reply to Brutus (Concluded), 13 de outubro de 1905. In: *Cape Workers Vanguard* (doravante apenas CWV).

²² Cf. Consul Generaal, Portugal, Pretoria. Beantwoordt op Schryven waarby Signalement Gevraagd Wordt van den Anarchist, zal direct daarom naar Kaapstad. In: Lourenco Marques Telegrafeeren. RA3744/96, fichário, Arquivos do Transvaal, nos Arquivos Nacionais, Pretoria. e FREIRE, João. *Freedom Fighters: anarchist intellectuals, workers, and soldiers in Portugal's history*. Montréal: Black Rose, 2001, p. 16.

²³ Cf. TURCATO, Davide. Italian Anarchism as a Transnational Movement, 1885-1915. *International Review of social History*. [s.c.]: [s.e.], Vol. 52, nº 3, pp. 407-444, [s.m.], 2007, p. 434, tabela 2, Sottosckizione a favore del “il Grido della folla”, il Grido della Folla, 6 de agosto de 1903 (gentilmente cedido por Anthony Gorman); comunicações pessoais com Davide Turcato, 12 de dezembro e 20 de outubro de 2009.

²⁴ Cf. When the World Loved the Boers. *History Today*. Vol. 49, nº 5, 1999.

²⁵ “‘Natal Mercury,’ Durban: with reference to the deportation from the Transvaal of Three Men supposed to be Anarchists”, IRD 706/1904, vol.29, Natal Archives, Pietermaritzburg.

²⁶ GLASSE, Henry. *International Notes...* op. cit.

anarquistas, a esquerda emergente incluía democratas sociais, Grupos Clarion²⁷ e um *Bund judeu*²⁸ local.

ANARQUISTAS DA CIDADE DO CABO A PARTIR DE 1904

O ano de 1904 presenciou a formação da Federação Democrática Social (Social Democratic Federation – SDF) na Cidade do Cabo, o centro do Cabo. Fundada, no dia primeiro de maio de 1904, por trabalhadores brancos especializados, a SDF organizou, pela primeira vez, em 1905, o dia do trabalho com o Conselho do Comércio e Trabalho (Trades and Labour Council)²⁹ da cidade. Apesar do nome, que sugeria a ideia de marxismo e de democracia social, a SDF da Cidade do Cabo foi profundamente influenciada pelo anarquismo. Sua figura principal era Harrison, que se descrevia como “Anarquista Filosófico”³⁰. Outrora soldado britânico, Harrison, que perdera o posto de artífice militar por confraternizar com prisioneiros africanos, na guerra de 1899-1902, era um antimilitar acirrado e trabalhava como carpinteiro. A SDF, certamente incluía muitos tipos de socialistas³¹, porém o tom e ritmo da Federação eram estabelecidos, cada vez mais, pela sua forte e atuante “sessão anarquista”³².

Harrison, “lutador de classe leal e determinado”³³, era um orador brilhante que adotava as opiniões de seu amigo Kropotkin³⁴. Foi ele o primeiro a usar a palavra “comunismo”, na imprensa sul-africana, ao discutir comunismo anarquista³⁵. Um

²⁷ *The Clarion* era um periódico semanal publicado na Grã-Bretanha, a partir de 1891, por Robert Blatchford, autor do livro romântico socialista *Merrie England* (1893). Em 1910, *The Clarion* vendia em torno de 80.000 cópias, e seus leitores formavam um grande número de sociedades Clarion e de clubes que emergiram para promover seus ideais, inclusive entre trabalhadores britânicos no exterior.

²⁸ Formado em 1897, o General Jewish Labour Bund (Sindicato) da Lituânia, Polônia e Rússia era uma organização radical, secular, socialista antissionista baseada entre os Judeus falantes de Iídiche. Ligado ao Russian Social Democratic Labor Party (RSDLP), era ativo também na diáspora judia. A maioria aderiu ao Partido Bolchevique em 1921.

²⁹ ERASMUS, Jack. Social Democratic Federation: annual report. *South African News*, 08 de junho de 1905, recorte de jornal. In: NETTLAU, Max. Collection, International Institute of Social History, e ICKIN, David. *The Origins of the South African Labour Party, 1888-1910*. Cape Town: University of Cape Town, (PhD), 1973, p. 330.

³⁰ HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of a Socialist in South Africa 1903-47*. Cidade do Cabo: Stewart Printing, [s.d., possivelmente 1947], p. 119.

³¹ JOHNS, Sheridan W. *Raising the Red Flag: The International Socialist League and the Communist Party of South Africa, 1914-32*, de Sheridan W. Johns. Belville: Mayibuye Books/University of the Western Cape: 1995, p.31.

³² HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit., p. 16 e pp. 118-119.

³³ COPE, R. K. *Comrade Bill: the life and times of W. H. Andrews*. Cidade do Cabo: Stewart Printing, [s.d., possivelmente 1940], pp. 96-97.

³⁴ HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit., p. 32, p.38 e pp. 119-120. e Idem. *Anarchy*, 1º de julho de 1910, VOL.

³⁵ VISSER, Wessel P. *Die Geskiedenis en Rol van Persorgane in the Politieke en Ekonomiese Mobilisasie van die Georganiseerde Arbeiderbeweging in Suid-Afrika, 1908-1924*. Stellenbosch: University of

“inveterado orador de praça pública” que pregava o “fogo do inferno e enxofre contra o capitalismo” com uma “língua fluente”, ele dizia às multidões de africanos, pessoas de cor (coloured) e brancos, reunidos nos grandes comícios da SDF que:

O capitalismo estava nas últimas... campos, fábricas e oficinas seriam possuídos e controlados por aqueles que neles trabalhavam... Kropotkin provava que o problema da produção fora solucionado. Era então apenas uma questão de propriedade e distribuição... leis tais quais as conhecemos, serão completamente desnecessárias.³⁶

Até mesmo os céticos ficavam impressionados pelo “modo vigoroso e envolvente” com que ele “apresentava a sua causa”, que “poderia ter quase convencido muitos de que a Revolução Econômica e Social estava para acontecer no dia seguinte, ou no máximo no final daquela semana”³⁷. De curta duração, a publicação mensal da SDF, o *Cabo Socialista* (Cape Socialist), continuou a explorar o tema, misturando comentários e observações com longos trechos extraídos de Kropotkin, que tinham sido traduzidos por Glasse³⁸.

A SDF montou uma livraria, com sala de leitura e lanchonete, chamada “Socialist Hall” e um círculo de leitura, nos seus escritórios, na rua Adderley. Mantinha palestras semanais junto à estátua de Van Riebeeck, no Sexto Distrito, na Parada do Cabo, que era o espaço público central. Além disso, a SDF também alugava a sede da prefeitura de vez em quando. Havia eventos habituais da SDF, na “Stone”, na rua Clifton, no Sexto Distrito, liderados pelo ativista de cor, John Tobin. O Sexto Distrito era uma favela multirracial, mas habitada, principalmente, por pessoas de cor³⁹. Tanto a estátua quanto a “Stone” forneciam esquinas de oradores ao estilo de Hyde Park. O primeiro era frequentado, fundamentalmente, por brancos e por pessoas de cor enquanto o último recebia, principalmente, frequentadores de cor e africanos negros. Na ânsia de usar todas as plataformas disponíveis para propaganda, a SDF, inclusive

Stellenbosch (PhD), 2001, p. 217.

³⁶ BOYDELL, Tommy, *“My Luck was In”*: with spotlights on General Smuts. Cidade do Cabo: Stewart Printing, [s.d.], p. 41. e Idem. Foreword. In: HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit., pp. VIII-IX.

³⁷ BOYDELL, “Foreword”, in HARRISON, op.cit., p. VIII.

³⁸ A única edição ainda existente, intitulada “The Cape Socialist Vanguard: official organ of the Social Democratic Federation-Cape District”, encontra-se no fichário “The Cape Socialist Vanguard: organ of the Forward Labour Movement”, mesclado ao CWV, na coleção em séries, do International Institute for Social History, Amsterdam. Sobre o presente trabalho, cf. HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit., pp. 5-6 e pp. 9-10.

³⁹ ERASMUS, Jack; Social Democratic Federation: annual report, op. cit.; HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit., p. 13. Sobre o local denominado “Stone” e Tobin, cf. LEWIS, Gavin. *Between the Wire and the Wall: a history of South African 'Coloured' politics*. Cidade do Cabo/Johanesburgo: David Philips, 1987, pp. 18-19, pp. 26-27, p. 45 e pp. 56-57.

Harrison, apoiou candidatos em eleições, embora sem nenhuma intenção de assumir o cargo.

Eventos importantes da SDF conseguiam atrair milhares, como aconteceu durante a campanha contra a primeira guerra mundial⁴⁰. Ao contrário da esfera pública de Witwatersrand, mais segregada racialmente, esses eventos públicos atraíam números significativos de frequentadores de cor e africanos negros. Os de cor eram maioria, na Cidade do Cabo, seguidos de perto pelos brancos. Excepcionalmente, para uma importante cidade sul-africana, os africanos negros representavam uma pequena minoria.

À medida que a SDF crescia, foi transferida para escritórios mais amplos, nas ruas Plein e Barrack, onde mantinha uma lanchonete e uma prensa tipográfica⁴¹. A SDF sublocava esse seu espaço para sindicatos⁴². Fornecia aos sócios uma vida social ativa, com um coral, visitas à praia e até alguns poucos “batizados” socialistas⁴³. A SDF deixava sua plataforma disponível para uma série de oradores controversos, como o jovem Mohandas – mais tarde, Mahatma – Gandhi, que já surgia como paladino dos indianos locais e que também “se declarava socialista”⁴⁴.

ATRAVESSANDO A LINHA DE COR

As declarações da escola comunista de que a SDF “ignorava” questões de raça ou as via como “assunto secundário”, ou que nunca, “na prática”, “tomou medidas para organizar o trabalhador não branco ou propagar abertamente a igualdade racial”⁴⁵ são, simplesmente, falsas. Como Glasse, Harrison acreditava que o preconceito racial era causado, basicamente, pelo capitalismo, bem como era antitético para os interesses da classe social trabalhadora: ele, rapidamente, calava aqueles que, constantemente, importunavam-no, questionando sobre o assunto nos comícios⁴⁶. Sozinha na cena esquerdista do sindicato da Cidade do Cabo, a SDF

⁴⁰ HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit., pp. 50-62.

⁴¹ *Ibidem*, p. 6.

⁴² O ressentimento sindical pelas taxas da SDF (e pelo barulho produzido pelos eventos da SDF) fez com que, eventualmente, os aposentos fossem concedidos gratuitamente, um subsídio generoso para os sindicatos. Cf. CWV., maio de 1906, *Trades and Labour Council*, sexta-feira, 27 de abril.

⁴³ HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op.cit., p. P.16.

⁴⁴ *Idem*, *ibidem*, pp. 36,143.

⁴⁵ Cf., por exemplo, SIMONS, Jack e SIMONS, Ray. *Class and...* op. cit., pp. 139-140. e VAN DUIN, Pier. South Africa. In: VAN DER LINDEN, Marcel e ROJAHN, Jürgen (orgs.). *The Formation of Labour Movements, 1870-1914*. Leiden/New York/ Kobenhavn/Koln: Brill, 1990, p. 649.

⁴⁶ HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit., p. 105.

condenou o esboço do Estatuto do Sindicato da África do Sul (Act of the Union of South Africa), em 1909, por causa das suas cláusulas de exclusão de cor⁴⁷. Também rejeitou o Trabalhismo Branco (White Labourism) do Partido Trabalhista Sul Africano (SA Labour Party)⁴⁸.

Por volta de 1910, a SDF anunciou, entusiasticamente, que estava desenvolvendo um significativo eleitorado de cor⁴⁹, antecipando, assim, a associação inter-racial do CPSA por, aproximadamente, duas décadas. Na verdade, tamanha era a credibilidade da SDF, entre as pessoas de cor, que Harrison teve 212 votos contra os 543 do nacionalista de cor, dr. Abdullah Abdurrahman, em uma campanha no Sexto Distrito, apesar da formidável máquina política deste último⁵⁰. Enquanto isso, a SDF montou uma comissão de propaganda direcionada aos africanos, promoveu palestras em africâner e em isiXhosa, atraiu pessoas de cor para os seus comitês e, ocasionalmente, influenciava Abdurrahman a usar retórica socialista⁵¹.

Certos ativistas da SDF como, por exemplo, Harrison e J. Dibble, ambos pertencentes à Sociedade Amalgamada de Carpinteiros e Marceneiros (Amalgamated Society of Carpenters and Joiners), buscavam a criação de sindicatos comuns, unindo todas as raças e lutando por igualdade de remuneração para todos os trabalhadores⁵². O enfoque teve certo apoio no Cabo Ocidental, onde as divisões entre raças eram menos ferozes do que no resto do país.

⁴⁷ Citado em Ticktin, p. 340. In: *VOL.*, 21 de agosto de 1909.

⁴⁸ COPE, R. K. *Comrade Bill...* op. cit., p. 112.

⁴⁹ DREW, Allison. *Discordant Comrades...* op. cit., p. 23; FORMAN. Chapters in the History of the March for Freedom. In: FORMAN e ODENDAAL (org.) *Lionel Forman...* op. cit., pp. 42-44.; HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit., p. 13. e NOON, A.W. Cape Notes, 22 de abril de 1910. In: *VOL.*

⁵⁰ HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit., p. 24.

⁵¹ COPE, R. K. *Comrade Bill...* op. cit., p. 143.; DREW, Allison. *Discordant Comrades...* loc. cit.; FORMAN. Chapters in... op. cit., p. 35, pp. 42-44.; HARMEL, Michael. *Fifty Fighting...* op. cit. pp. 29-30.; HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit., p. 13.; LEWIS, Gavin. *Between the...* op. cit., pp. 54-55, pp. 78-79 e p. 98.; SIMONS, Jack e SIMONS, Ray. *Class and...* op. cit., pp. 76-77, p. 122 e pp. 125-128. e VAN DUIN, Pieter. Artisans and Trade Unions in the Cape Town Building Industry. In: JAMES, Wilmot G. e SIMONS, Mary (org.) *The Angry Divide: social and economic history of the Western Cape*. Cidade do Cabo/Johanesburgo: David Philips, 1989, pp. 104-105.

⁵² FORMAN. Chapters in... op. cit., pp. 42-44.; HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit., pp. 17-18 e pp. 22-26. e SIMONS, Jack e SIMONS, Ray. *Class and...* op. cit., p. 139.

Apóstolo anarquista da Cidade do Cabo, Wilfred Harrison da SDF, e um fundador do Sindicato Geral dos Trabalhadores.



Fonte: Ernest Gitsham and James F. Trembath, 1926, *A First Account of Labour Organisation in South Africa*. E.P. and Commercial Printing. Durban, p. 163

Alguns sindicatos da Cidade do Cabo já admitiam trabalhadores de cor e Harrison e seus companheiros incentivaram essa atitude. Em 1905, a SDF, com o apoio do *Trades and Labour Council*, lançou o Sindicato de Trabalhadores Gerais da África do Sul (South African General Workers' Union), "aberto a todos os ramos de trabalho que não tenham um sindicato específico", independentemente da raça⁵³. A iniciativa atraiu, com sucesso, pedreiros e pintores brancos e de cor, alfaiates e sapateiros judeus, trabalhadores da via férrea e enroladores de cigarro gregos e judeus, e tornou-se parte importante do movimento sindical local⁵⁴.

Alguns membros da SDF e alguns trabalhadores judeus também iniciaram um sindicato de alfaiates de "todas as nacionalidades", embora com pouco sucesso em relação aos trabalhadores de cor⁵⁵. Em associação com a APO, liderada por Aburrahman, e com o Sindicato Geral de Trabalhadores (General Workers' Union), a SDF passou a sindicalizar marceneiros brancos e de cor, pintores, tipógrafos e empapeladores. Quando os enroladores de cigarro entram em greve e foram

⁵³ CWV, 27 de outubro de 1905, p. 2. Cf. Ainda: BICKFORD-SMITH, Vivian. *Ethnic Pride and Racial Prejudice in Victorian Cape Town*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1995, p. 174.

⁵⁴ Tramway Guards and Motormen. In: CWV, março de 1906. BICKFORD-SMITH, Vivian. *Ethnic Pride...* loc. cit.; MANTZARIS, Evangelos. *Labour Struggles...* op. cit., pp. 32-39.; SIMONS, Jack e SIMONS, Ray. *Class and...* op. cit., p. 74. e VISSER, Wessel P. *Die Geskiedenis...* op. cit., p. 10.

⁵⁵ MANTZARIS, Evangelos. *Labour Struggles...* op. cit., pp. 32-40, citação retirada da p. 38.; SIMONS, Jack e SIMONS, Ray. *Class and...* loc. cit. Cf. Também: LEWIS, Gavin. *Between the...* op. cit., p. 19.

excluídos, os grevistas estabeleceram uma cooperativa de cigarros de “knock out” e “lock out” nas dependências da SDF – alguns entusiastas da SDF tinham, anteriormente, estabelecido efêmeras cooperativas de padeiros e de sapateiros⁵⁶.

O início da depressão, na década de 1900, ajudou a impulsionar as greves e provocou esforços da SDF em operar cozinhas de campanha no Sexto Distrito⁵⁷. A SDF, então, tomou a dianteira, na organização de reuniões multirraciais, em massa, dos desempregados, em meados de 1906, nas quais o fabricante de cigarros e líder anarquista da SDF exigiu que fosse realizada uma ação direta para os famintos⁵⁸. O jovem radical alemão, Otto Mayer, incitava as multidões: “Tragam armas e muita munição e uma bandeira negra”⁵⁹. Marchas, no parlamento, lideradas por Harrison, Tobin e outros, com o apoio sindical da APO, transformaram-se em três dias de pilhagem e de choques com a polícia⁶⁰. Aproximadamente cinquenta amotinadores, a maioria de cor, foram detidos e acusados⁶¹. Levinson, Meyer e o editor do *Cape Socialista* (Cape Socialist), Abraham Needham, foram detidos por discursos inflamatórios – “a primeira vez... que socialistas sul africanos se encontravam encarcerados por causa de suas crenças.”⁶² No final, Levinson foi absolvido, mas Meyer foi condenado a 12 meses de trabalho forçado⁶³.

O IWW E O SINDICALISMO NO WITWATERSRAND A PARTIR DE 1908

Por volta dessa época, a “África do Sul atravessou um período de vigorosa reação” contra o “valor da reforma parlamentar” “à frente da classe trabalhadora” e um crescente “entusiasmo pelas doutrinas dos sindicalistas revolucionários.”⁶⁴ No

⁵⁶ MANTZARIS, Evangelos. *Labour Struggles...* op. cit., pp. 36-37 e pp. 56-61.; Men versus Money: The Lock Out. In: *CWV*, junho de 1906.; HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit., p. 10.; MANTZARIS, Evangelos. From the History of Bundist Activity in South Africa, 1918/82. *Bulletin of the Bund Archives of the Jewish Labour Movement*. [s.c.]: [s.e.], Vol. 3, n.º 3, 1-3, p.3; Cf. também: WALKER, Ivan L. e WEINBREN, Ben. *2,000 Casualties: a history of the trade unions and the labour movement in the history of South Africa*. Johannesburg: South African Trade Union Council, 1961, pp. 18-19.

⁵⁷ HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit.

⁵⁸ (Editorial) Hooligans and Unemployed. *Cape Times*, 7 de agosto de 1906, (doravante apenas *CT*.); (Editorial) Leaders and Led. *Ibidem.*, 8 de agosto de 1906. e HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit., pp. 8-9.

⁵⁹ Citado em HALLET, R. *The Hooligan Riots*: Cape Town: August 1906. Cape Town: University of Cape Town, trabalho não publicado, 1978, p. 15.

⁶⁰ HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit., pp. 8-9.; Cf. também: *CT*, 7 August 1906, Hooligans and Unemployed: disgraceful scenes e HALLET, R. *The Hooligan...* op. cit., pp. 15-27.

⁶¹ *Ibidem.* e *CT*, 7 de agosto de 1906.

⁶² Hooligans and... doc. cit.; Mob and Police. *Ibidem.*; Unemployed Raids in City. *South African Times*, 7 de agosto de 1906 (doravante apenas *SAT*). E Hooligans Renew Raids. *Ibidem.*, 8 de agosto de 1907.

⁶³ FORMAN. Chapters in... op. cit.

⁶⁴ HALLET, R. *The Hooligan...* op. cit., pp. 27-31.

Witwatersrand, um semanário radical chamado *A Voz do Trabalho* (The Voice of Labour) foi lançado em 1908. O semanário fornecia um foro de comunicação entre radicais de todo o país e possibilitava debates ideológicos e novas iniciativas. Era editado por Archie Crawford, montador escocês, ex-soldado e ex-conselheiro municipal de Johannesburgo, e impresso pela sindicalista irlandesa Mary Fitzgerald. Embora os dois rejeitassem o Trabalhismo Branco, eram, de um modo geral, socialistas de estado.

O semanário, entretanto, atuou como um importante foro para ideias sindicalistas revolucionárias e anarquistas. Publicava longos trechos extraídos do *Boletim Internacional do Movimento Sindicalista* (International Bulletin of the Syndicalist Movement) e uma versão seriada da *História dos Trabalhadores Industriais do Mundo* (History of the Industrial Workers of the World) escrita, especialmente, para o *The Voice* pelo americano Vincent St. John, líder do IWW⁶⁵. Dedicava espaço também para a articulação de uma crítica racional da discriminação racial e do preconceito. O escritor chamado o Proletário (*Proletarian*) – muito provavelmente, o pseudônimo de Ferdinand Marais, sindicalista revolucionário estabelecido na Cidade do Cabo – insistia, por exemplo, que a única solução para a desigualdade de classe e para a divisão racial era uma “organização de trabalhadores assalariados, negros e brancos, homens e mulheres, jovens e velhos” que proclamasse “uma greve geral universal em preparação para a tomada e administração dos interesses da África do Sul, para o benefício dos trabalhadores até a exclusão dos parasitas”⁶⁶.

Anarquistas e sindicalistas revolucionários locais também fizeram oposição ao novo Estado sul-africano através do *The Voice*. Discursando sobre a iminente criação de um exército exclusivamente branco, a Força de Defesa Sul-Africana, o Proletário argumentava que a verdadeira intenção do recém introduzido projeto de defesa era abafar um “levante nativo”⁶⁷. Tal levante, entretanto, seria uma resposta “totalmente justificada” à “cruel exploração” e deveria receber a “simpatia e o apoio de todo escravo branco assalariado”: “Se lutar é preciso atentem para que os rifles estejam apontados para a classe que possui todas as propriedades e rouba todas as raças”⁶⁸. Além de condenar a “grotesca” “atitude de superioridade” dos “aristocratas brancos do trabalho”, o Proletário opunha-se à presença de “pequenos capitalistas” nacionalistas – ele se referia a grupos como a APO – entre as raças oprimidas: somente

⁶⁵ ST. JOHN, Vincent. History of the Industrial Workers of the world. In: *VOL*, 27 de outubro de 1911.

⁶⁶ The Problem of Coloured Labor. Ibidem, ênfase no original.

⁶⁷ Our Special Representative, 1º de dezembro de 1911. e Sundry Jottings from the Cape: a rebel's review. Ibidem.

⁶⁸ “Our Special Representative”, “Sundry Jottings from the Cape: a rebel's review”, *Voice of Labour*, 10. de Dezembro de 1911.

a luta de classe, baseada em linhas inter-raciais poderia destruir o capitalismo local⁶⁹. E apenas Um Grande Sindicato (*One Big Union*), com base nas linhas sindicalistas revolucionárias, poderia unir a classe trabalhadora para tal vitória.

Em 1910, houve uma lufada de ativismo sindicalista revolucionário no Witwatersrand, que estava, rapidamente, substituindo a Cidade do Cabo como o principal centro de radicalismo de esquerda. O sindicalista revolucionário britânico Tom Mann percorreu a África do Sul, pregando o “evangelho... de uma mudança completa da sociedade” e o “sistema aperfeiçoado de organização industrial para que isso seja possível”⁷⁰. Ele aconselhava: “não importava quantos sejam, faça-os entender, e se existirem outros 170.000 disponíveis, faça-os entender também”⁷¹.

Enquanto isso, Crawford deixara a África do Sul e o Proletário assumira o *The Voice of Labour*, transformando-o em um jornal predominantemente sindicalista e revolucionário. Em junho de 1910, um IWW foi inaugurado, em Johannesburgo, após a tomada do Sindicato de Trabalhadores Industriais (Industrial Workers Union), que era um sindicato geral patrocinado pelo Conselho de Trabalho e de Comércio de Witwatersrand, um baluarte do Trabalhismo Branco.

Tornado independente e denominado de IWW, o sindicato abriu suas portas para todas as raças. Organizou, então, duas greves espetaculares pelos trabalhadores brancos da via férrea em Johannesburgo, em 1911. Também promoveu grandes comícios entre os trabalhadores brancos da estrada de ferro, em Pretória, a capital da província, e nas maciças oficinas de estrada de ferro da cidade⁷². Uma “filial em Pretoria” logo foi formada entre tais trabalhadores. Seguiu-se um IWW na cidade de Durban, na província de Natal. Essa cidade tinha, a essas alturas, substituído a Cidade do Cabo como o principal porto. Em Durban, o tom do IWW foi dado pelo “Companheiro Weber”, cujas especialidades eram uma propaganda de “guerra de classe com frases feitas de gelar o sangue” e uma linha ruidosamente antiparlamentar⁷³. Composto por 300 a 400 membros, apenas nos bondes, o IWW da região comparava-se, favoravelmente, aos principais sindicatos locais, como a Sociedade Amalgamada de Engenheiros (Amalgamated Society of Engineers), composta de 1.351 membros, em 1910, e a Associação dos Mineiros do Transvaal

⁶⁹ *Proletarian*, 27 de outubro de 1911. e *The Problem of Coloured Labour*, *Ibidem*.

⁷⁰ MANN, Tom. *Tom Mann's Memoirs*, London: The Labour Publishing Committee, 1923: pp. 245-247.

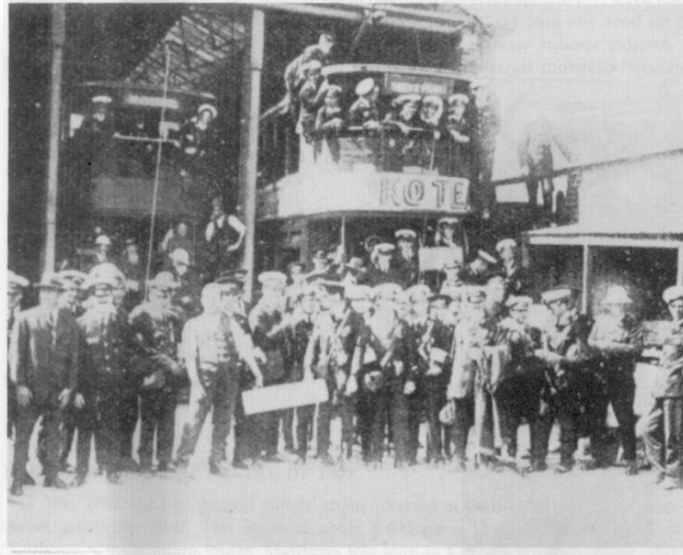
⁷¹ COPE, R. K. *Comrade Bill...* op. cit., p. 110. e KATZ, Elaine. *A Trade Union...* op. cit., p. 271.

⁷² Para maiores detalhes, cf. VAN DER WALT, Lucien. Bakunin's Heirs in south Africa race, class and revolutionary syndicalism from the IWW to the International socialist League. *Politikon*. [s.c.]: [s.e.], Vol. 30, nº 1, indicar a página inicial e a final do artigo, [s.m.], 2004, pp.67-89.

⁷³ BOYDELL. Forward. In: HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit., p. XII. e Heard and Said. In: *VOL*, 14 de junho de 1912.

(Transvaal Miners Association – TMA) formada por 800 trabalhadores em 1909⁷⁴. Compreensivelmente, era motivo de certo orgulho da parte do IWW de Chicago⁷⁵.

Trabalhadores nos bondes filiados a IWW posam em Johannesburgo, logo após entrar em greve na sexta-feira, 12 de maio de 1911.



Fonte: Henry R. Pike, 1988, *A History of Communism in South Africa*, Christian Mission International, Germiston, second edition, p. 48

O sindicato foi um dos diversos IWW fora dos Estados Unidos, uma vez que o movimento espalhou-se internacionalmente com rapidez, mais notadamente na Austrália, na Grã-Bretanha, no Canadá, no Chile, no México e na Nova Zelândia. Entretanto, o IWW americano tinha se dividido na sua convenção de 1908. Tal divisão foi copiada globalmente. A partir de 1908, existiam dois IWW: o “IWW de Chicago”, que constituía maioria e se opunha a qualquer participação nas eleições, e o “IWW de Detroit”, que era menor, pelo menos, nos Estados Unidos, e favorável a um uso limitado do Parlamento. O IWW de Detroit era intimamente associado a Daniel De Leon e ao seu Partido Socialista do Trabalho (Socialist Labour Party – SLP), que não deve ser confundido com o Partido Trabalhista Sul-Africano (SA Labour Party).

Essa divisão também se manifestou na África do Sul. O IWW da África do Sul identificava-se, explicitamente, com o IWW de Chicago e era reconhecido, na imprensa

⁷⁴ KATZ, Elaine. *A Trade Union...* op. cit., p. 176 e p. 252.

⁷⁵ GROVER, H Perry. *The Revolutionary IWW*. Chicago: IWW Publishing Bureau, [s.d., possivelmente 1913], p. 10.

do IWW, como o “IWW da Secção da África do Sul”⁷⁶. Suas figuras centrais eram Dunbar, um ferreiro gigante nascido na Escócia, e Tom Glynn, soldado nascido na Irlanda que, como Harrison, lutara na guerra Anglo-Boer. Glynn trabalhara como policial até 1907, quando fora demitido por se recusar a disparar contra um rebelde zulu. Trabalhava, naquela época, na *Johannesburg trams*, uma companhia municipal.

Andrew Dunbar, Figura chave no IWW sul africano e da Liga Socialista Internacional, e um dos fundadores do Trabalhadores Industriais da África. (O ferreiro em ação aos 80 anos, em 1960)



Fonte: Ivan L. Walker and Ben Weinbren, 1961, *2000 Casualties: a history of the trade unions and the labour movement in the Union of South Africa*, South African Trade Union Council, Johannesburg, plate 12

O IWW local enfrentava rivais ferozes, na filial dos *De Leonistas* do SLP, isto é, os seguidores do IWW de Detroit. Os principais membros *De Leonistas* eram: P. R. Roux, um farmacêutico africâner “inglesado”, Israel Israelstam, um judeu veterano radical que tinha aliados na Bund, e J. M. Gibson, um imigrante escocês. Formada em março de 1910, a filial da SLP não estabelecia, na verdade, uma presença sindical. Dedicava-se a vendas de jornais, a discussões e a comícios, nas manhãs de domingo, na Praça do Mercado de Johannesburgo – a filial do IWW se reunia na mesma jurisdição nas noites de domingo. Os dois grupos trocavam críticas ferozes, cada um declarando-

⁷⁶ Industrial Unionism in South Africa. In: *Solidarity*, 1º de outubro de 1910.

se o representante do “verdadeiro” IWW.⁷⁷ Se tais debates parecem, hoje, um tanto abstratos – a filial do SLP, na realidade, não participava das eleições, por exemplo –, eles enchem volumes sobre o quão profundamente esses ativistas estavam mergulhados no mundo transnacional do sindicalismo do IWW e do SLP.

O que havia em comum entre as filiais do IWW e do SLP era um compromisso formal em relação a uma organização inter-racial, bem como o fracasso para se equiparar ao progresso do SDF nessa frente. A filial do IWW não colocava, em absoluto, restrições raciais na sociedade. Junto com o Sindicato de Trabalhadores Gerais do Cabo (General Workers Union), era pioneira em abrir suas portas para todas as raças na África do Império Britânico. Como o IWW, na América, rejeitava o patriotismo em favor do internacionalismo. Enquanto isso, Jock Campbell, líder da filial do SLP, “irlandês de Clydeside”, “trabalhador autodidata” e “orador brilhante”, era, indiscutivelmente, o “primeiro socialista” a fazer, realmente, “propaganda entre os trabalhadores africanos” em Johannesburgo⁷⁸. Os seguidores do SLP foram “pioneiros na adoção de uma política esclarecida para os povos de cor”⁷⁹.

Entretanto, a teórica “atitude estritamente de ‘classe trabalhadora’ em relação aos negros”, do SLP, não se transformou em uma “tentativa séria ou tentativa confirmada”, para “converter os trabalhadores africanos ao socialismo ou organizá-los em sindicatos”⁸⁰. Tampouco, o IWW conseguiu recrutar, na prática, trabalhadores que não fossem brancos. Fora dos bondes, tinha pouca presença como sindicato. Não formava uma base entre os trabalhadores africanos não livres, entre a maioria da classe trabalhadora do Witwatersrand ou entre os brancos livres das favelas e dos municípios pobres.

Basicamente, porém, o problema era o fracasso dos dois grupos em transformar a oposição *retórica* contra a opressão racial em esforços ativos e *específicos* para mobilizar trabalhadores africanos, indianos e de cor ao redor de suas preocupações *tanto* de classe *quanto* nacionais⁸¹. Nesse sentido, o SDF da Cidade do

⁷⁷ DUNBAR, Andrew. IWW Notes. In: *Vol.*, 21 de julho de 1911.; DUNBAR, IWW Notes. In: *Ibidem*. DUNBAR, Andrew. In: *Ibidem*, 29 de setembro de 1911.; *Ibidem*. IWW Propaganda Notes. In: *Ibidem*, 24 de novembro de 1911. e Down with Sabotage and Other Forms of Physical Force. In: *The Socialist*, abril de 1912.

⁷⁸ COPE, R. K. *Comrade Bill...* op. cit., p. 93.; ROUX, Eddie e ROUX, Win; *Rebel Pity: the life of Eddie Roux*, Rex Collings, London, 1970, pp. 6-7.; THOMAS, D.G. "A History of the Labour Party in South Africa up to 1924", Honours dissertation, Political Studies, University of the Witwatersrand, 1963 e WALKER, I. L. and WEINBREN, B. *Casualties: a history of the trade unions and the labour movement in the Union of South Africa*. Johannesburg: South African Trade Union Council, (1ª. Ed.1961) 2000, p. 319.

⁷⁹ COPE, R. K. *Comrade Bill...* op. cit., pp. 96-98, p. 111 e p. 113.

⁸⁰ ROUX, Eddie. *Time Longer...* op. cit., p. 129.

⁸¹ Sobre este argumento, cf. VAN DER WALT, Lucien. Reflections on Race and Anarchism in South Africa, 1904-2004. *Perspectives on Anarchist Theory*. [s.c.]: [s.e.], Vol. 8, nº 1, p. 1 e pp. 14-16, 2004.

Cabo era mais eficiente no trato da questão nacional. Muito embora o seu *General Workers Union* carecesse do grandioso programa sindicalista revolucionário do IWW e do SLP, sua *prática* era muito mais radical na união, ultrapassando as linhas raciais.

Essa fase sindicalista revolucionária inicial terminou em 1913. Voltando do exterior, Crawford expulsou o Proletario do *The Voice of Labour* e, depois, retirou Dunbar da IWW. Enquanto isso, Glynn partia da África do Sul, após ser perseguido e colocado em lista negra. Acabou chegando à Austrália, onde se tornou editor de um órgão do IWW australiano, o *Ação Direta* (Direct Action), e foi detido, em 1916, durante a repressão ao sindicato⁸². O objetivo de Crawford, ao retornar, foi reunir a esquerda local em um Partido Socialista Unido, segundo as linhas do Partido Socialista da América (Socialist Party of America), um partido socialista livre, com foco eleitoral. Quando o projeto faliu, depois de um certo envolvimento do SDF e SLP, levou consigo o IWW, que tinha sido reduzido a uma ala do partido. *The Voice* interrompeu sua publicação, no início de 1913, em parte devido à falta de subscrições. O SLP também sumiu dos registros nessa época. Alguns de seus membros buscaram, aparentemente, recrutar novos associados de dentro da ala esquerda do Partido Trabalhista Sul Africano (SA Labour Party).

OS NOVOS RADICAIS A PARTIR DE 1913

Em 1913, houve a explosão de uma greve geral militante entre trabalhadores brancos no Witwatersrand. Entretanto, embora temas sindicalistas revolucionários fossem, sem dúvida, suficientemente comuns entre uma seção de grevistas, não havia uma presença sindicalista revolucionária. Isso não impediu que o general Jan Smuts, chefe de Estado em exercício, declarasse que os eventos eram o trabalho de uma “conspiração sindicalista”, usando essa desculpa para justificar a lei marcial contra uma subsequente greve geral no início de 1914⁸³. Crawford e alguns outros foram deportados. Mais tarde, quando tiveram permissão para voltar, ele e Fitzgerald tornaram-se ultramoderados.

⁸² BURGMANN, Verity. *Revolutionary Industrial Unionism: the IWW in Australia*. Cambridge/New York/Melbourne: Cambridge University Press, 1995, pp. 36, 77, 88 e 207.

⁸³ SMUTS, Jan. *The syndicalist Conspiracy in South Africa: a scathing indictment*. Pretoria: Government Printers, 1914.

Entretanto, os eventos de 1913 e 1914, junto com as controvérsias subsequentes em torno da primeira grande guerra (ver abaixo), renovaram as energias dos anarquistas e dos sindicalistas revolucionários existentes, radicalizaram novos ativistas e despertaram um amplo interesse por ideias radicais.

Havia, em primeiro lugar, uma enorme quantidade de novos materiais como, por exemplo, o tratado *De Leonista A Grande Greve de Rand: julho de 1913* (The Great Rand Strike: July 1913)⁸⁴. Dentro do *SA Labour Party*, toda uma camada foi radicalizada: figuras importantes como David Ivon Jones, comerciante galês, Bunting, advogado diplomado pela Universidade de Oxford, e Andrews, líder sindicalista e membro do Parlamento nessa época. Nessa atmosfera, o partido inscreveu-se, até mesmo, para a afiliação na *Labour and Socialist International* e adotou uma posição antiguerra em agosto de 1914. Dirigindo a onda da ira da classe trabalhadora (branca), nessa época, o *SA Labour Party* também se apossou do comando do Assembléia Provincial do Transvaal (Transvaal Provincial Council) e teve um importante papel em diversas municipalidades.

Quando o *SA Labour Party*, empolgado por sentimentos pró-guerra, reverteu sua posição antiguerra, os novos radicais, acompanhados, então, pelos veteranos do IWW e do SLP, constituíram-se como a Liga da Guerra na Guerra (War on War League). A essa liga, juntou-se o SDF, que também se posicionava contra a guerra. O *War on War Gazette* surgiu em setembro de 1914, e colocou claramente o caso antimilitarista, com materiais como, desde declarações feitas por Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, passando por escritos de Kropotkin, dos jornais anarquistas *Freedom* e *Tierra Y Libertad*, de Barcelona, até textos de De Leon e de Tolstoi.⁸⁵ Declarações posteriores feitas pela escola comunistas e por outras fontes, segundo as quais o grupo tinha “enfoque marxista” ou andava “em busca das águas límpidas do socialismo marxista”⁸⁶, eram extremamente enganosas.

Em setembro de 1915, a *War on War League* saiu do *SA Labour Party* e formou a Liga Socialista Internacional (International Socialist League – ISL), que publicava o semanário Internacional (International). Apesar da costumeira apresentação da ISL na literatura, notadamente pela “escola comunista”, como um partido marxista – com seus líderes supostamente formando um “núcleo comunista”, com opiniões “intimamente próximas” do leninismo⁸⁷ – a ISL, antimilitarista de fato, adotou uma plataforma sindicalista revolucionária sem ambiguidade desde o começo. Os principais

⁸⁴ CAMPBELL, John e MUNRO, J. Raeburn. *The Great Rand Strike: July, 1913*. 1913, publicado pelos autores, em Johannesburgo, impresso por E.H. Adlington e Co., p.3.

⁸⁵ Por exemplo, cf. Tolstoy and Anarchy. In: *The War on War Gazette*, 10 de outubro de 1914.

⁸⁶ COPE, R. K. *Comrade Bill...* op. cit., p. 166. e FORMAN. Chapters in... op. cit., p. 46.

⁸⁷ DADOO, Yusuf. Introduction by... op. cit., p. XV.

debates ocorriam entre os seguidores do *De Leonismo*, que era uma influência central, e os membros do IWW de Chicago, que também tinha muitos seguidores.

O primeiro congresso da ISL, em janeiro de 1916, instituía “Que encorajamos a organização dos trabalhadores em linhas de classe ou industriais, independentemente de ração, cor ou credo, como o meio mais eficiente para fornecer a força necessária para a emancipação dos trabalhadores.”⁸⁸. Sindicatos exclusivos de determinadas raças e determinados ofícios teriam que ser substituídos por sindicatos industriais abertos a todas as raças: o parlamentarismo ao estilo do Partido Trabalhista deveria ser substituído pela ação das massas e da greve geral revolucionária: o foco sobre o trabalho teria que ser modificado por uma campanha que ultrapassasse a fronteira da linha de cor:

O sindicalismo industrial é a única solução para o problema, organizado sobre linhas amplas, sem barreiras de cor... A vós, o trabalhador, não importa qual seja a vossa raça ou cor, pertence o futuro... Vossa é a missão histórica de inaugurar a *Co-operative Commonwealth*, abolindo toda a distinção de classe, todo o domínio de classe.⁸⁹

Essa era a posição oficial da ISL, defendida por todas as suas figuras importantes, inclusive Andrews, Bunting e Ivon Jones. O trio, com frequência visto como arquétipo protobolchevista⁹⁰ era, em resumo, nada mais, nada menos, do que Wobblies. Mais tarde, é verdade, seriam líderes do CPSA, mas projetar esse fato, para além da década de 1910, é enganoso e incorreto.

A ISL continuava argumentando que *One Big Union*, unindo a classe trabalhadora, para além das divisões de ofícios e de cor, deveria ser o instrumento tanto de revolução quanto de luta contra controles e leis, racialmente discriminatórios. Seu objetivo era, explicitamente, a “abolição de todas as formas de contrato nativo, sistemas de passaporte e composto: e a elevação do trabalhador nativo ao *status* industrial e político dos brancos.”⁹¹ Proclamando a abolição das leis do passe, o *International* argumentava: “uma vez organizados, esses trabalhadores podem derrubar qualquer lei tirânica. Desorganizados, tais leis são tiras de aço. Industrialmente organizados, valem tanto quanto os papéis em que são escritas.”⁹²

⁸⁸ League conference. In: *Int.*, 7 de janeiro de 1916. e The First Conference of the League. In: *Ibidem*, 14 de janeiro de 1916.

⁸⁹ GIBSON, J.M. Race Prejudice. In: *Int.*, 23 de fevereiro de 1916.

⁹⁰ Por exemplo, cf. HYSLOP, Jonathan. *The Notorious...* op. cit., pp. 274-275 e p. 277.

⁹¹ The First Conference of the League. In: *Int.*, 14 de janeiro de 1916.

⁹² The Pass Laws: organize for their abolition. In: *Ibidem*, 19 de outubro de 1917.

Os trabalhadores brancos tinham que escolher entre se tornarem uma “guilda fechada” que “policiaria os oprimidos, a grande massa dos trabalhadores não especializados” ou unirem-se aos companheiros trabalhadores na justa luta “pelo controle e administração da indústria”⁹³.

Essas ideias eram incentivadas pelo *International*, através de panfletos e de folhetos e da realização de comícios públicos semanais, pela distribuição de uma série de livretos dos *De Leonistas* e outros sindicalistas revolucionários, e por uma livraria, nos escritórios da ISL, na Fox Street, em Johannesburgo. A ISL estabeleceu seções, através do Witwatersrand, com simpatizantes também em Pretoria, em Pietermaritzburg, em Durban - na província de Natal, e em Kimberley, no Cabo Norte. Atraindo, inicialmente, trabalhadores brancos especializados, a ISL foi fortalecida pela imigração judaica vinda do Leste Europeu, com uma agência de língua iídiche, estabelecida em 1917, cuja tendência era a posição do IWW de Chicago, ainda defendida por Dunbar⁹⁴.

A ISL também mantinha laços fraternos com a SDF: não estabeleceu uma seção, na Cidade do Cabo, e Harrison, que havia sido detido várias vezes nos meados de 1910, por ser acusado de pronunciamentos inflamatórios, ajudou a distribuir o *International*⁹⁵. Diferentemente da SDF, entretanto, a ISL era um grupo fortemente estruturado, e que exigia acordo dos membros com a posição oficial tomada pela instituição para a maioria das questões. O *International* expressava as posições formais da ISL. Mesmo não tendo nunca ultrapassado algumas centenas de membros, era um grupo visível e controverso. Além disso, era o único grupo esquerdista além do SDF.

Então, a ISL começou a espalhar sua influência, rapidamente, entre as pessoas de cor.

EM VERMELHO E NEGRO

A ISL foi formada em uma época auspiciosa, isto é, logo após uma onda enorme de lutas de classe, começando em 1917. De 1906 a 1920, foram registradas, oficialmente, 199 greves, porém, 68 delas ocorreram entre 1916 e 1920 e houve 175.664 trabalhadores em greve de 1916 a 1922. O número de associados, nos

⁹³ The Poor Whites'and a Page from History. In: Ibidem, 16 de fevereiro de 1917. e The Mineworkers to be made a Sacb Union. In: Ibidem, 2 de março de 1917.

⁹⁴ Cf. MANTZARIS, Evangelos. Radical Community: the Yiddish-Speaking Branch of International Socialist League, 1918-20. In: BOZZOLI, Belinda (org.). *Class, Community and Conflict: South Africa Perspectives*. Bloemfontein/Johannesburgo: Ravan Press, 1988.

⁹⁵ Por exemplo, para HARRISON, Wilfred H. “War!”, *Simons Papers*. Seção de Manuscritos e Arquivos, Centro de estudos Africanos, Universidade da Cidade do Cabo, seção de documentos frágeis.

sindicatos, aumentou de 9.178, em 1914, para 40.000, em 1917. Em 1920, havia mais de 135.000 sócios⁹⁶. Os sindicatos da Cidade do Cabo lançaram a Federação do Trabalho do Cabo (Cape Federation of Labour), em 1913, enquanto os sindicatos, nos outros lugares, uniram-se, em 1914, na Federação Industrial Sul-Africana (South African Industrial Federation – SAIF), que era mais ampla. Um desenvolvimento, particularmente importante nesses acontecimentos, foi a entrada, em grande escala, de pessoas de cor em sindicatos fora da Cidade do Cabo – desenvolvimento no qual, como será visto, o sindicalismo revolucionário desempenhou um papel absolutamente central.

A ISL colocou uma enorme ênfase, desde o início, na formação de sindicatos revolucionários, nos moldes do IWW, entre trabalhadores de cor, e no recrutamento de sócios africanos, indianos e de cor. Através desses esforços, a liga obteve a maior parte dos seus sucessos na frente sindical. O objetivo declarado da ISL, de ser uma organização que atravessasse a linha de cor, era radical demais para a maioria dos trabalhadores brancos, que não reagiam bem às incessantes tentativas da ISL para reformar os sindicatos existentes. Na verdade, os oradores da ISL enfrentavam uma considerável e crescente violência no final da década de 1910.

Uma exceção era a União dos Trabalhadores Industriais da Construção (Building Workers Industrial Union – BWIU), cuja formação ocorreu em 1916. Essa união tinha uma plataforma influenciada pelo sindicalismo revolucionário e seu objetivo era a organização industrial e o cultivo de “conhecimento e poder suficientes para que o sindicato pudesse, basicamente, controlar efetivamente a Indústria da Construção (Building Industry)”⁹⁷. Seu líder era o militante da ISL, C. B. Tyler⁹⁸. Infelizmente, o temor do *Internacional*, de que o sindicato fracassasse em “admitir companheiros trabalhadores de cor”⁹⁹, foi confirmado: muitas de suas agências eram, de fato, segregacionistas, ignorando sua constituição.

Em 1918 e em 1919, Andrews foi contratado como organizador da ISL por tempo integral, e tinha a função de promover um movimento rebelde local, nos sindicatos, segundo as linhas do movimento revolucionário sindicalista do Movimento dos Representantes Sindicais e Comitês de Trabalhadores (Shopstewards and Workers

⁹⁶ COPE, R. K. *Comrade Bill...* op. cit., p. 200.; SIMONS, Jack e SIMONS, Ray. *Class and...* op. cit., p. 333. e VAN DUIN, Pier. *South Africa...* op. cit., p. 640, nota 39.

⁹⁷ Citado em: GITSHAM, Ernest e TREMBAHT, James F. *A First Account of Labour Organisation in South Africa*. Durban: E.P. And Commercial Printing, 1926, p. 71.

⁹⁸ TYLER, C.B. Union of All Building Workers. In: *Int.*, 14 de julho de 1916. e WALKER, I. L. and WEINBREN, B. *Casualties*: a... op. cit., p. 191.

⁹⁹ Trade Unions Reforming. In: *Int.*, 9 de junho de 1916.

Committee Movement)¹⁰⁰. Um número desses comitês de recrutamento e de organização foi formado na engenharia, estrada de ferro e minas no Witwatersrand. Sua base, entretanto, localizava-se, realmente, entre os brancos: poucos desses “comitês de trabalho” (“work committees”) eram revolucionários. Havia uma única exceção crítica, o Conselho de Ação (Council of Action), fundamentado nas minas, que será discutido a seguir.

Essencial à aproximação da ISL em relação às pessoas de cor, era relacionar a sua oposição teórica contra a opressão nacional, aos seus esforços ativos e específicos para mobilizar aquelas pessoas em torno das preocupações tanto de classe quanto nacionais¹⁰¹. Um dos primeiros recrutados negros, Thibedi, um professor africano, juntou-se à ISL, por volta de 1915, depois de ouvir Bunting em Johannesburgo¹⁰². Homem brilhante, com “talento para agregar pessoas, fossem trabalhadores numa indústria em particular, mulheres, residentes locais ou o que fosse necessário no momento”¹⁰³, Thibedi tinha algumas ligações com o grupo nacionalista africano, o SANNC, e morava em Johannesburgo.

Protestando, publicamente, contra um grande número de leis discriminatórias, a ISL compartilhou uma plataforma com os líderes do SANNC na assembléia do Dia do Trabalho em 1917. A plataforma foi atacada por hooligans brancos¹⁰⁴. No ano seguinte a ISL realizou o seu evento do Dia do Trabalho em Ferrerastown, em Johannesburgo, uma vasta área de pessoas de cor, o primeiro Dia do Trabalho do Transvaal “direcionado a trabalhadores não-europeus”.¹⁰⁵ Como o SDF, então, a ISL desejava trabalhar junto com nacionalistas africanos negros e de cor, mesmo que não estivesse acordo com seus programas.

¹⁰⁰ COPE, R. K. *Comrade Bill...* op. cit., p. 200.; JOHNS, Sheridan W. *Raising the...* op. cit., pp. 100-102.; *Int.*, 28 de novembro de 1919.; *Ibidem*, 12 de dezembro de 1919.; S.A. Railways and the Shop Steward Movement. In: *Ibidem*, 19 de novembro de 1920.; Revolution in Britain. In: *Ibidem*, 2 de agosto de 1918. e Our 'Great Push'. In: *Ibidem*, 23 de agosto de 1918. Ver também a discussão em: JOHNSTONE, F.A. *Class, Race and Gold: a study of class relations and racial discrimination in South Africa*. Londres/Henley/Boston: Routledge and Kegan Paul, 1976, pp. 114-118 e MANTZARIS, Evangelos. *Labour Struggles...* op. cit., pp. 99-105.

¹⁰¹ Cf. VAN DER WALT, Lucien. Reflections on... op. cit.

¹⁰² A respeito de Thibedi, cf. VAN DER WALT. Thibedi, T.W. (1888-1960). In: GATES, Henry Louis e AKYEAMPONG (org.). *Dictionary of African Biography*. Oxford: Oxford University Press (no prelo).; cf. também: DREW, Allison. *Discordant Comrades...* op. cit., nota 19, p. 72.; ROUX, Eddie. *S.P. Bunting...* op. cit., p. 108.; *Umsebenzi: the voice of the South African Communist Party*. “Party Pioneers: T.W. Thibedi: the first African Communist.” Vol 7, n. 2 (May 1991).

¹⁰³ ROUX, Eddie. *S.P. Bunting...* loc. cit.

¹⁰⁴ Mob Law on Mayday e Hooliganism: the last Ditch. In: *Int.*, 4 de maio de 1917.

¹⁰⁵ FORMAN. Chapters in... op. cit., pp. 65-66.

Em março de 1917, a ISL lançou um Sindicato Industrial dos Trabalhadores Indianos (Indian Workers' Industrial Union) “segundo as linhas do *IWW*” em Durban¹⁰⁶. Esse sindicato atraiu trabalhadores de fornecimento, dos portos, das lavanderias, das gráficas e do tabaco e uniu os mineiros indianos aos trabalhadores agrícolas.¹⁰⁷ Junto com a ISL local, cuja principal figura era o veterano da *IWW*, Gordon Lee, o sindicato dirigiu classes de estudo, principalmente com materiais do SLP, e organizou comícios ao ar livre, nos quais o “Coral dos Trabalhadores Indianos” entretinha as multidões, cantando a *Red Flag*, a *Internacional* e várias canções do *IWW*”.¹⁰⁸ Esse foi um dos primeiros – possivelmente, o primeiro – sindicatos de trabalhadores em Durban.

A ISL enfatizava a importância dos membros do sindicato elegerem um comitê de dentro de suas próprias fileiras, o que ajudou tanto a evitar o paternalismo como a desenvolver quadros entre as pessoas de cor. Por volta de agosto de 1917, o sindicato estava sendo dirigido por ativistas indianos como, por exemplo, Sigamoney, Moodley e Ramsamy, os quais tinham um “bom... domínio de luta de classe”¹⁰⁹ e também eram todos recrutados para o ISL. Sigamoney, professor e principal radical indiano em Durban, era “um socialista comprometido e membro importante da *ISL*, e recebia apoio fraternal dos sindicalistas e membros da mesma organização”¹¹⁰.

¹⁰⁶ Call to the Native Workers. *Int.*, 7 de abril de 1916.; A Forward Move in Durban. *Ibidem*, 3 de agosto de 1917.

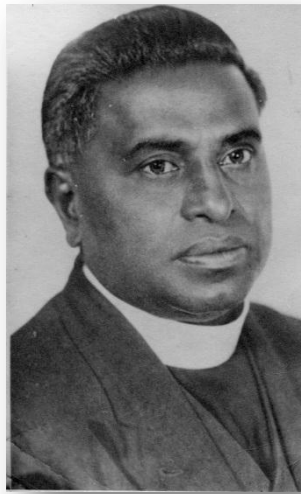
¹⁰⁷ Indian Workers Waking Up, de Gordon Lee. In: *Ibidem*, 26 de outubro de 1917.

¹⁰⁸ MANTZARIS, Evangelos. *Labour Struggles...* op. cit., p. 84.

¹⁰⁹ A Forward Move in Durban. *Int.*, 3 de agosto de 1917.

¹¹⁰ MANTZARIS, Evangelos. *Labour Struggles...* loc. cit.

Bernard Sigamoney, da Liga Socialista Internacional e o Sindicato Industrial dos Trabalhadores Indianos de Durban



Fonte: Bernard Sigamoney Papers, Historical Papers, University of the Witwatersrand

Em 1919, a ISL observou, em Kimberley, “um grande despertar de solidariedade industrial entre os trabalhadores de cor” (uma grande parte, a maioria talvez, da população da cidade) e despachou um organizador de Johannesburgo, o alfaiate judaico Sam Barlin¹¹¹. Kimberley, tal como Johannesburgo, era uma cidade de mineração – neste caso, centrada na extração de diamantes - e era presidida pelo cartel *De Beers*.

Barlin instalou escritórios da ISL perto daqueles do SANNC e da APO, e ajudou a estabelecer dois sindicatos revolucionários. Um deles era o Sindicato Industrial dos Trabalhadores do Vestuário (Clothing Workers' Industrial Union), estabelecido entre as centenas de alfaiates locais (principalmente os de cor, e com a presença de punhados de judeus e de indianos). Mais uma vez, o sindicato era dirigido por um comitê eleito e, novamente, as figuras principais foram recrutadas para a ISL. Vinte e sete membros do sindicato, todos eles de cor e vindos, principalmente, das oficinas de Myer Gordon, de Reid e de Brown, juntaram-se entusiasticamente, à ISL. O recruta mais importante era Gomas, homem de cor e aprendiz de alfaiate na oficina de Gordon¹¹². Em poucos

¹¹¹ Kimberley Tailors' Strike. In: *Int.*, 20 de dezembro de 1919.; MUSSON, Doreen. *Johnny Gomas: the voice of the working class: a political biography*. Cape Town: Buchu Books, 1989, pp. 6-17 e p.21.

¹¹² SIMONS, Ray. Review: Johnny Gomas as I knew him. *South African Bulletin*. [s.c.]: [s.e.], Vol.15, nº 50, pp.80-83, 1991; MUSSON, Doreen. *Johnny Gomas...* op. cit., pp. 11-16 e cf. também: Johnny Gomas: a lifetime of struggle. In: *Grassroots*, setembro de 1982.

meses, o *Clothing Workers' Industrial Union* garantiu o reconhecimento da posição de representante sindical do estabelecimento, a prática do *closed shop* e o aumento de salários. Além disso, estendeu-se até Johannesburg e Durban. Ao mesmo tempo, promoveu uma greve bem sucedida para reforçar seus acordos com os empregadores¹¹³.

Johnny Gomas, do Sindicato Industrial dos Têxteis de Kimberley e membro da Liga Socialista Internacional



Fonte: Doreen Musson, 1989, *Johnny Gomas: voice of the working-class: a political biography*, Buchu Books, Cape Town, plate 3

Barlin também ajudou a formar o Sindicato dos Condutores de Cavalo (Horse Drivers' Union), estabelecido entre as pessoas de cor que dominavam o negócio. A maioria trabalhava para as estradas de ferro e a municipalidade de Kimberley, com frequência, na remoção de resíduos. Esses trabalhadores não estavam incluídos na recém formada Associação Municipal de Empregados (Municipal Employees Association), destinada a brancos. Esse sindicato também forneceu recrutas para a ISL e foi comandado pelos ativistas de cor locais, K. C. Fredericks e Jan C. Smuts¹¹⁴. Entrou em greve, no final de 1919, reivindicando 25% de aumento salarial, vencendo-a após duas árduas semanas¹¹⁵.

¹¹³ Kimberley Tailors's Strike. In. *Int.*, 20 de dezembro de 1919.; *Ibidem*, 27 de junho de 1919.; *Ibidem*, 4 de julho de 1919. Cf. ainda: JOHNS, Sheridan W. *Raising the...* op. cit., p. 98. e MUSSON, Doreen. *Johnny Gomas...* op. cit., 17-18.

¹¹⁴ MUSSON, Doreen. *Johnny Gomas...* op. cit., p. 18. e ROUX, Eddie. *Time Longer...* op. cit., p. 155.

¹¹⁵ Cf. Kimberley Strikes: more white scabbing. *Int.*, 2 de janeiro de 1920. e *Atas da Municipalidade*. Kimberley, 9 de dezembro de 1919, p. 501, 23 de dezembro de 1919, pp. 511-512 e 1º de janeiro de 1920, pp. 550-551, 3/KIM 1/1/1/16, Arquivos do Cabo.

NACIONALISTAS E REVOLUCIONÁRIOS NEGROS NO MOVIMENTO DA GREVE GERAL DE 1918

Em meados de 1917, a ISL estabeleceu uma escola noturna semanal para africanos em Johannesburgo. As aulas, focadas na economia política e na necessidade de *One Big Union* foram, inicialmente, ministradas por membros brancos da ISL. Cerca de trinta alunos regulares foram atraídos para as aulas, vindos das favelas do centro de Johannesburgo, assim como das minas das proximidades de Village Deep e de Crown¹¹⁶. Buntin, Dunbar e Gibson eram conferencistas notáveis e enfatizavam que a ISL “desejava que os nativos, que constituíam a classe trabalhadora da África do Sul se organizassem e tivessem direitos como um homem branco [sic]”¹¹⁷. Em setembro de 1917, as aulas foram transformadas no Trabalhadores Industriais da África (Industrial Workers of Africa – IWA, seguindo, explicitamente, o modelo adotado pelo IWW¹¹⁸. “Se entrarmos em greve por tudo”, Dunbar dizia “conseguiremos tudo... se apenas conseguíssemos alastrar a questão amplamente entre os nativos, poderíamos facilmente nos unir.”¹¹⁹

Após imprevistos iniciais, o novo sindicato foi também, vigorosamente, apoiado pelos editores do jornal do SANNC, *O Povo* (Abanthu-Batho),¹²⁰ assemelhando-se aos elogios que o sindicato revolucionário de Durban estava, enquanto isso, recebendo, no *Jornal Indiano* (Indian Paper), jornal local fundado por Gandhi¹²¹. Na Cidade do Cabo, em contraste, a APO sentia-se, cada vez mais, ameaçada pelo trabalho do sindicato de orientação sindicalista revolucionária e anarquista. A APO chegou a tentar, sumariamente – ainda que fracassando espetacularmente – formar a sua própria ala sindical.

Como sucedia com os outros sindicatos dos sindicalistas revolucionários, o IWA era dirigido por um comitê escolhido entre seus próprios membros e eleitos por eles. Mais uma vez, as principais figuras foram recrutadas para a ISL. Além de Thibedi, um notável líder africano da IWA era Cetiwe. Educado em Qumbu, no Cabo Oriental, trabalhava como assistente de emoldurador¹²². Cetiwe adotava as doutrinas

¹¹⁶ Lista de Associados In: *The ISL and Coloured Workers*, Departamento de Justiça, JD 3/527/17, Arquivos Nacionais, Pretoria.

¹¹⁷ JALI, Wifrid. *The ISL and Coloured Workers*. RELATÓRIO sobre a reunião de 19 de julho de 1917.

¹¹⁸ MOROOSI, R. *The ISL and Coloured Workers*. Ibidem, referente ao dia 11 de outubro de 1917.

¹¹⁹ JALI, Wifrid. *The ISL and Coloured workers*. Ibidem, referente ao dia 26 de julho de 1917.

¹²⁰ From south Africa, citado In: *The Workers' Dreadnought*, 20 de abril de 1918 (doravante apenas *WD*).

¹²¹ Citado In: *Int.*, 9 de novembro de 1917.

¹²² SKOTA, T.D.M. *The African Yearly Register: being an illustrated dictionary (who's who) of black folks in Africa*. Johannesburgo: R.I.Esson, [s.d., possivelmente 1932], p. 137. e *Int.*, 13 de setembro de 1918.

defendidas pela ISL com grande fervor, incitando os membros do sindicato a “pregar o nosso evangelho”: lutar para se organizar e “abolir o Sistema Capitalista”¹²³. Cetiwe trabalhava ao lado de Kraai, outro importante militante negro do ISL, que tinha sido educado em Peddie, no Cabo Oriental, e trabalhava, então, em Joanesburgo, como capataz e entregador¹²⁴. A propaganda sindicalista revolucionária básica foi traduzida para as línguas africanas como, por exemplo, seSotho e isiZulu. Circulou pelo Witwatersrand, inclusive nos presídios, e foi espalhada por trabalhadores africanos migrantes até a zona rural de Rustenburg, de Heilbron e de Cala¹²⁵.

Hamilton Kraai, ativista no Trabalhadores Industriais da África e na Liga Socialista Internacional, ativo em Joanesburgo e Cidade do Cabo.



Fonte: T.D. Mveli Skota, editor and compiler, [? 1930] n.d, *The African Yearly Register: being an illustrated biographical dictionary (who's who) of black folks in Africa*, R.I. Esson, Johannesburg, p. 292

Em agosto de 1917, a ISL programou uma conferência para “para discutir meios e modos de incitar os trabalhadores para que se unissem e organizassem industrialmente e eventualmente tomassem o comando da indústria”¹²⁶. Essa conferência atraiu quarenta e cinco pessoas – inclusive três africanos, provavelmente Cetiwe, Kraai e Thibedi – e estabeleceu um Comitê de Manifesto (ou Solidariedade) multirracial. O comitê distribuiu um manifesto, no congresso da Federação Industrial

¹²³ The ISL and Coloured workers. In: RELATÓRIO, não rotulado, maio de 1918, [data completa ilegível].

¹²⁴ SKOTA, T.D.M. *The African...* op. cit., p. 167. e *Int.*, 13 de setembro de 1918.

¹²⁵ Cf. HIRSON, Baruch e WILLIAMS, Gwyn A. *The Delegate...* op. cit., p. 173. e JOHNSTONE, F. A. The IWA on the Rand: socialist organizing amongst black workers on the Rand 1917-18. In: BOZZOLI, Belinda (org.). *Labour, Townships and Protest*. Joanesburgo: Ravan Press, pp. 258-260.

¹²⁶ Este relato é amplamente baseado em: JOHNS, Sheridan W. *Raising the...* op. cit., pp. 66-68.

Sul-Africana (South African Industrial Federation – SAIF), em dezembro de 1917. O manifesto atacava os sindicatos existentes contra a “sua vaidade tacanha de ofício, o preconceito racial ainda mais tacanho, a exclusividade dos fundos de benefícios e o comprometimento com o sistema desonesto”, e argumentava a favor de “um sistema industrial” e uma “República Industrial Internacional”¹²⁷. Simpatizantes do projeto foram convidados a participar de uma conferência, na Páscoa de 1918, que foi um fracasso. Apenas membros da ISL e do IWA compareceram¹²⁸.

Fred Cetiwe, figura central da Liga Socialista Internacional e do Trabalhadores Industriais da África, ativo em Joanesburgo e na Cidade do Cabo.



Fonte: T.D. Mveli Skota, editor and compiler, [? 1930] n.d, *The African Yearly Register: being an illustrated biographical dictionary (who's who) of black folks in Africa*, R.I. Esson, Johannesburg, p. 292

O IWA e a ISL também organizaram uma série de discussões e de reuniões conjuntas com o SANNC e a APO em Johannesburgo. O líder da APO do Transvaal, Talbot Williams, um sindicalista de cor, teve a inspiração de escrever um panfleto ao estilo do IWA sobre “A questão ardente do trabalho” (The Burning Question of Labour), dirigido a trabalhadores de cor e que foi publicado nas edições da APO e da ISL¹²⁹.

¹²⁷ Industrial Unionism in South Africa. In: *Int.*, 22 de fevereiro de 1918, descrito como o “manifesto do Comitê Solidariedade, reimpresso (reeditado) aqui por ordem do Comitê Administrativo do I.S.L.”.

¹²⁸ JOHNS, Sheridan W. *Raising the...* op. cit., pp. 67-68.

¹²⁹ Copias podem ser encontradas no microfilme de 1918 do *The International*, na Biblioteca Pública de Johannesburgo e no Departamento de justiça, de International socialist League, relatórios de atividades de, JUS 526,3/527/17, Arquivos Nacionais, Pretoria.

As relações com o SANNC de Johannesburgo eram, de início, tensas. Alguns membros da ISL e do IWA africanos rejeitavam-no por representar “os homens que organizam os homens ricos e altivos, que são aqueles que sugam nosso sangue e nos atraíam”¹³⁰. Tal posição refletiu a crítica da própria ISL contra o SANNC (e a APO), como um partido da elite negra, “completamente ignorante em relação à grande massa do proletariado nativo”¹³¹. De certa maneira, a crítica era verdadeira. A APO e o SANNC eram muito moderados e, rotineiramente, alinhados com a “lei e a ordem” e eram fundados por pequenas elites educadas e endinheiradas. Porém, havia espaço para alguma cooperação, como mostrara o trabalho com a SDF, na Cidade do Cabo, e com a ISL, em Johannesburgo.

Uma ala radical, entretanto, estava surgindo no SANNC do Transvaal, em oposição à liderança moderada¹³². Essa ala justapunha-se ao IWA e à ISL, com militantes como, por exemplo, Cetiwe e Kraai desempenhando papéis nos três órgãos. Isto é, havia um bloco sindicalista revolucionário sólido surgindo *dentro* do próprio SANNC nessa época.

O processo de radicalização foi demonstrado pela tentativa de greve geral em julho de 1918. Anteriormente, nesse mesmo ano, 152 trabalhadores municipais africanos haviam sido condenados a trabalho forçado por quebra de contrato ao entrarem em greve: isso inflamou a Johannesburgo negra. O SANNC, o IWA e a ISL convocaram uma série de comícios de protesto, atraindo por volta de mil pessoas ao mesmo tempo. Esse número foi, algumas vezes, maior¹³³. Um comitê de ação conjunta dos três órgãos foi formado. Sua proposição, para o grande entusiasmo, principalmente, das multidões africanas, era uma greve geral, no Witwatersrand, pela liberação dos trabalhadores condenados e um aumento de um xelim por dia para os trabalhadores africanos.¹³⁴ A resolução foi levada adiante apesar dos moderados do SANNC, que foram silenciados pelo clamor da multidão. T. P. Tinker, da ISL, declarou: “A greve não foi feita por um xelim ao dia, mas pela África que eles mereciam”.¹³⁵

¹³⁰ A Unique Meeting. In: *Int.*, 4 de janeiro de 1918. Cf. Também: JOHNSTONE, F. A. The IWA... op. cit., p. 260.

¹³¹ *Int.*, 5 de abril de 1918.; *Ibidem*, 19 de outubro de 1917.; The Pass Laws : organise for their abolition. In: *Ibidem*, 19 de outubro de 1917, Beware of Labour cranks.

¹³² BONNER, Philip. The Transvaal Native Congress, 1917- 1920: the radicalisation of the black petty bourgeoisie on the Rand. In. MARKS, Shula Marks and RATHBONE, Richard (org.). *Industrialisation and Social Change in South Africa: African Class Formation, Culture and Consciousness 1870-1930*. Harlow: Longman, 1982.

¹³³ The ISL and Coloured Workers. RELATÓRIO sobre a reunião do Congresso Nativo do Transvaal e Trabalhadores Industriais da África, 19 de junho de 1918, investigador desconhecido.

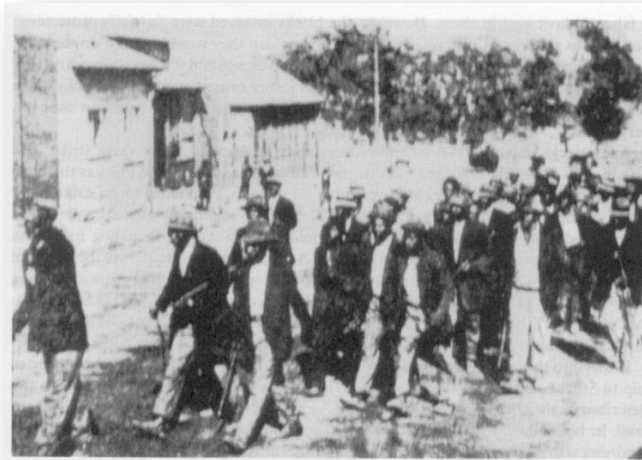
¹³⁴ *Ibidem*.

¹³⁵ The Geweld Case. In: *Int.*, 2 de agosto de 1918.

A greve foi cancelada, no último momento, embora, de qualquer forma, alguns milhares de mineiros africanos aderissem em três minas.¹³⁶ Oito pessoas então foram detidas por incitamento à violência pública.¹³⁷ Cinco delas eram membros da ISL (Bunting, Cetiwe, H. C. Hanscombe, Kraai e Tinker) e a sexta pessoa era um membro do IWA e do SANNC (J. D. Ngojo). As outras duas pessoas eram Thomas L. Mvabaza e Daniel Letanka, do SANNC, que haviam promovido o IWA e o movimento grevista de 1918, no *Ababthu-Batho*, que os dois editavam e publicavam. Em suma, os detidos não constituíam a galeria de líderes nacionalistas retratados em alguns estudos: o que os unia era uma profunda ligação com o movimento sindicalista revolucionário local¹³⁸.

Essa foi a primeira vez na moderna África do Sul em que “membros das raças europeia e nativa, unidos por uma causa comum, foram detidos e conjuntamente acusados, pelas suas atividades políticas”¹³⁹. Como no julgamento de Levinson, Meyer e Needham, o julgamento ISL/IWA/SANNC significou outra primeira vez para a esquerda local.

Cena de 1919 do protesto contra as leis do passe em Witwatersrand, na qual Cetiwe e Kraai foram figuras chave.



Fonte: Henry R. Pike, 1988, *A History of Communism in South Africa*, Christian Mission International, Germiston, second edition, p. 89

¹³⁶ Cf. Capital and labour, 5 de julho de 1918.

¹³⁷ ROUX, Eddie. *S.P. Bunting...* op. cit., p. 78.

¹³⁸ Ver, por exemplo: CALLINICOS, Luli. *Working Life: townships and popular culture on the Rand, 1886-1940*. Johannesburg: Ravan Press, 1987 p. 90.; FORMAN. Chapters in... op. cit., p. 69. e ROUX, Eddie. *S.P. Bunting...* op. cit., p. 78.

¹³⁹ SKOTA, T.D.M. *The African...* op. cit., p. 171. Existiam, na verdade, precedentes, no século XIX, tais como o julgamento que se seguiu à rebelião antiescravidista de 1808 na Cidade do Cabo: cf. ULRICH, Nicole. *There are no Slaves in their Country and Consequently there Ought to be None Here: the 1808 slave rebellion in the Cape of Good Hope and popular solidarity across the ocean*. Paper apresentado ao *Labour Crossings: World, Work and History*, University of the Witwatersrand. Johannesburg, 5 – 8, September, 2008.

A tentativa fracassou, mas Cetiwe, Kraai e Hanscombe perderam seus empregos e a IWA sofreu duro golpe¹⁴⁰. Foi, entretanto, prontamente reorganizada por Cetiwe, com um “número de presentes gratificadamente grande”¹⁴¹. Enquanto isso, em março de 1919, Cetiwe e Kraai desempenharam um papel significativo em uma campanha de desobediência civil contra as leis do passe, no Witwatersrand, que foi iniciada pelos radicais da SANNC e era inspirada nos eventos de 1918. A campanha levou a quase 700 prisões e Bunting, que estava atuando em nome de muitos acusados, foi atacado por hooligans brancos perto do tribunal¹⁴².

DE VOLTA AO CABO, DE VOLTA ÀS FAVELAS

Cetiwe e Kraai partiram, então, para o gueto africano segregado, Ndabeni, na Cidade do Cabo. Pretendiam organizar o IWA nas docas, que empregavam o maior contingente de trabalhadores na cidade, assim como a maioria dos africanos da cidade. O primeiro comício do sindicato da Cidade do Cabo foi realizado no dia 10 de julho de 1919, no Sexto Distrito. A ele compareceram “200 pessoas nativas e de cor” e os discursos, conforme relato policial, “pareciam ser o contrário de pacíficos”¹⁴³. Com novos membros inscritos, escritórios foram abertos na Francis Street.

O sindicato juntou-se a outro grupo sindicalista revolucionário na Cidade do Cabo, a Liga Industrial Socialista (Industrial Socialist League – IndSL), que não deve ser confundida com a ISL e era uma dissidência da SDF, estabelecida em 1918. A SDF estava em declínio, na década de 1910, afastando-se da organização ativa para, na visão de Solomon Buirski, um dos fundadores da IndSL, tornar-se uma desorganizada “sociedade de admiração mútua”¹⁴⁴.

O IndSL adotou o programa do IWW de Chicago, publicando um periódico mensal chamado *Bolshevik*¹⁴⁵. Em sua opinião, os sindicatos da Cidade do Cabo eram,

¹⁴⁰ No Socialism for Natives: the case of 'Luke Messina his mark'. In: *Int.*, 26 de julho de 1918. e *Ibidem*, 13 de setembro de 1918. Não houve colapso, como foi sugerido por algumas fontes, tais como: JOHNS, Sheridan W. *Raising the...* op. cit., p. 76. (Verificar esse autor); ROUX, Eddie. *S.P. Bunting...* op. cit., p. 132. e GUMA, Jimmy La E GUMA, Alex La. edited by Mohamed Adhikari, Cape Town: Friends of the South African Library, [1964] 1997, P. 84.

¹⁴¹ *Int.*, 13 de setembro de 1918. e *Ibidem*, 28 de fevereiro de 1919.

¹⁴² ROUX, Eddie. *S.P. Bunting...* op. cit., pp. 82-83.

¹⁴³ *Int.*, 25 de julho de 1919. The ISL and Coloured Workers. RELATÓRIO da reunião do Trabalhadores Nativos realizada no Winters Garden Hall, Ayre Street, Capetown, por F. V. Pickard, 10 de julho de 1919.

¹⁴⁴ BUIRSKI, Solomon. *Fleeting Memories*. [s.d.], manuscrito não publicado (e parcial), arquivo privado de VAN DER WALT, Lucien., pp. 26-27. Agradece-se a William Beinart pela concessão de uma cópia.

¹⁴⁵ The Bolshevik, fevereiro de 1920. In: *What We Stand For*. (doravante apenas Bols.)

comparativamente, mais abertos do que os sindicatos da SAIF, mas ainda se baseavam em barreiras de ofícios e algumas vezes até mesmo em barreiras de cor, “patriotismo, orgulho racial e nacionalismo”¹⁴⁶.

O IndSL foi sempre, extremamente, direcionado para trabalhadores de cor e Manuel Lopes, seu principal militante, declarava que “a propaganda entre os trabalhadores nativos e de cor é o trabalho que conta”¹⁴⁷. O IndSL dependia dos “serviços de alguns poucos companheiros de cor e malaios na nossa propaganda”¹⁴⁸ e muitos dos seus membros fundadores eram imigrantes brancos, frequentemente, judeus, como, por exemplo, o lituano Buirski.

Como a ISL, a IndSL engajou-se para que a organização atravessasse a linha de cor. O socialismo verdadeiro, insistia a IndSL, “reivindica para todo homem, toda mulher ou criança, para o branco ou de cor, o direito à vida, à liberdade e ao exercício da felicidade”¹⁴⁹. A IndSL exigia a “solidariedade do trabalho, independente de cor ou de raça”¹⁵⁰. A primeira sede do IndSL ficava na rua Ayre, no Sexto Distrito, cujas dependências alojavam 600 pessoas¹⁵¹. Agentes policiais registraram “consideráveis números de pessoas nativas e de cor”, frequentando as atividades, “o movimento... crescendo em números e importância”¹⁵². O IndSL também mantinha contato regular com marinheiros visitantes da IWW, principalmente americanos, que “ensinavam a Liga a cantar” as mais recentes canções do IWW¹⁵³.

Mais tarde, a IndSL transferiu-se para melhores acomodações, na rua Plein, na Cidade do Cabo Central, onde um novo *Socialist Hall* foi inaugurado, no princípio de 1919, na presença de uma multidão de “entre 300 e 400 pessoas”, apesar da chuva torrencial¹⁵⁴. A audiência era constituída “principalmente de judeus russos e pessoas de cor”; entre os oradores, estavam o impetuoso S. H. Davidoff (IndSL), sindicalistas de cor ligados ao IndSL como, por exemplo, Brown, M. A. Gamiet e Kies, Harrison (SDF) e

¹⁴⁶ The Strongest Weapon of Capitalism I. In: Ibidem, janeiro de 1920.; cf. também: Searchlight. In: Ibidem, novembro de 1919.; Trade Union Notes. In: Ibidem, janeiro 1920.; Trade Union Notes. In: Ibidem, novembro de 1919.; The Bankruptcy of Trades' Unionism. In: Ibidem, fevereiro de 1920.; The strongest Weapon of Capitalism II. In: Ibidem, março de 1920.; "Trades Union Notes", *Bols.*, March 1920; Manuel Lopes, "Socialism and the Labour Party", *Bols.*, April 1920.

¹⁴⁷ Carta de Manuel Lopes, *WD.*, 7 de agosto de 1920.

¹⁴⁸ Ibidem.

¹⁴⁹ VERMONT, Isaac. Socialism and the Coloured People. *Bols.*, março de 1920.

¹⁵⁰ Trades Union Notes. In: Ibidem.

¹⁵¹ Cape Notes. *Int.*, 21 de dezembro de 1918.

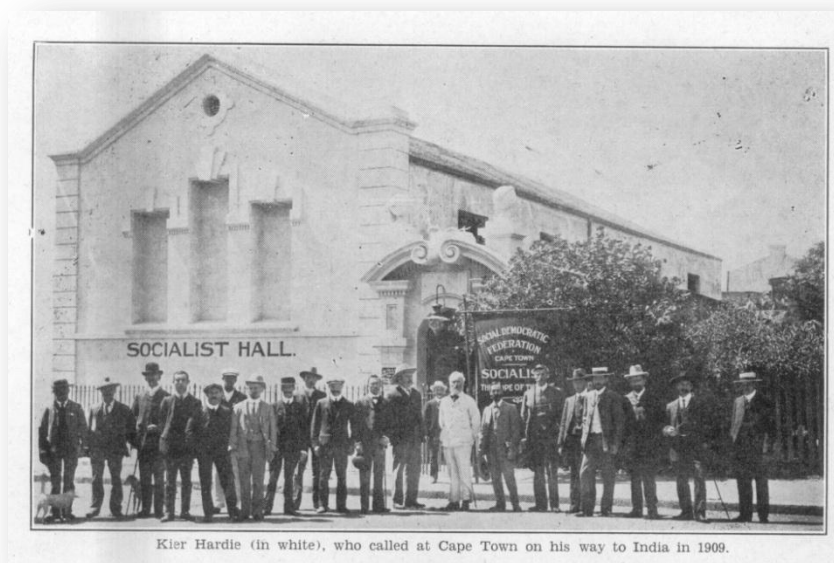
¹⁵² Comissário de Policia, 29 de julho de 1920, Carta ao Secretário da Justiça, no Departamento de Justiça. Relatórios sobre o Bolchevismo na AS, Vol. 267, 3/1064/18, Arquivos Nacionais, Pretoria, 86.

¹⁵³ LOPES, Manuel. *Cape Notes*. In: *Int.*, 24 de janeiro de 1919.

¹⁵⁴ Ibidem.; Cf. Também: HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit., p. 68. e MANTZARIS, Evangelos. *Labour Struggles...* op. cit., p. 4.

Boydell (Labour Party SA)¹⁵⁵. Eventos ao ar livre promovidos pelo SDF e pela IndSL, frequentemente atraíam mais de 400 pessoas nessa época¹⁵⁶. Entre maio de 1919 e maio de 1920, a IndSL promoveu um espantoso número de 135 comícios ao ar livre e 32 conferências em recinto fechado, assim como inúmeros “eventos sociais, conferências, etc”. Além disso, instituiu uma biblioteca, grupos de estudo, Escolas Socialistas Dominicais e a Associação de Jovens Socialistas (*Young Socialist Society*).¹⁵⁷

Ativista britânico Keir Hardie (de branco) posa com ativistas da SDF no Socialist Hall, Cidade do Cabo.



Fonte: Wilfred H. Harrison, [? 1947] not dated, *Memoirs of a Socialist in South Africa 1903–47*, Stewart Printing, Cape Town, with foreword by Tommy Boydell, p. 21

Em 1918, a IndSL estabeleceu um sindicato revolucionário entre os trabalhadores africanos e de cor das fábricas de beneficiamento de alimentos no centro da Cidade do Cabo, como, por exemplo, as fábricas de Hills e de Buchanan.¹⁵⁸ O

¹⁵⁵ Secreto: Bolchevismo, janeiro de 1919, no Departamento de Justiça, 3/1064/18, Relatórios sobre o Bolchevismo na AS, 207. Parece que Davidoff havia, anteriormente, patrocinado “propaganda pela ação” em Pretória. Cf. HARRISON, Wilfred H. *Memoirs of...* op. cit., p. 38. Gamiel, presidente do sindicato dos Alfaiates e Costureiras, era simpatizante do IndSL; Brown era membro do IndSL: Comissário de Polícia, 1º de junho de 1920. RELATÓRIO sobre o Bolshevismo na União da África do sul. In: Relatórios sobre o Bolshevismo na SA, 104.

¹⁵⁶ Comissário de Polícia, 27 de agosto de 1920, carta ao Secretário da Justiça. Relatórios sobre o Bolshevismo na SA, 73.

¹⁵⁷ League Notes. In: *Bols*, fevereiro de 1920. Ibidem, novembro de 1919.; Ibidem, dezembro de 1919. e MANTZARIS, Evangelos. *Labour Struggles...* op. cit., p. 13.

¹⁵⁸ LOPES, Manuel. Cape Notes. In: *Int.*, 27 de setembro de 1918.; Minutas da Quinta reunião do

primeiro comício do sindicato foi realizado, no dia 10 de setembro, na sede da IndSL, com a presença de 300 trabalhadores que resolveram “formar um sindicato industrial” e fazer “todo o possível para assegurar seu sucesso”.¹⁵⁹ Berman era o secretário de organização e Kies era o presidente do novo Sindicato Industrial dos Trabalhadores de Doces e Geleias: o IndSL fornecia os recursos¹⁶⁰. A maior parte dos membros era de cor, mas, evidentemente, trabalhadores africanos também se uniram ao IndSL. O segundo comício presenciou um certo “Companheiro Mpanpeni” atuando como intérprete e o “Companheiro Nodzandza” foi eleito para a executiva formada, extensamente, por pessoas de cor¹⁶¹. Os comícios da IndSL, no Distrito Industrial, provocaram a ira dos empregadores e pelo menos um comício foi cercado e interrompido por uma forte interferência policial¹⁶².

Enquanto isso, o IndSL também se ocupava na Federação do Trabalho do Cabo (Cape Federation of Labour), onde tomava resoluções radicais – tais como apoiar a República Soviética e a “formação de sindicatos industriais fora dos sindicatos existentes” – aprovadas nos congressos de 1920 e 1921¹⁶³. Essas resoluções, na verdade, nunca foram executadas. A IndSL, obviamente, tinha influência na Federação – Berman, por exemplo, tornou-se seu tesoureiro e Frances Lopes era presidente do Sindicato dos Trabalhadores dos Bondes (Tramway Workers' Union¹⁶⁴) –, mas não era o suficiente para mudar, decisivamente, a organização.

Em dezembro de 1919, o IndSL trabalhou, lado a lado, com o IWA da Cidade do Cabo. O IWA era um sindicato essencialmente africano e envolveu-se, então, em uma importante greve dos estivadores, em aliança com outro sindicato independente, na época com um grande número de pessoas de cor, o Sindicato dos Trabalhadores Industriais e Comerciais da África (Industrial and Commercial Workers Union of Africa –

Sindicato Industrial do Sindicato Associado dos Trabalhadores de Doces e Geleias da Península do Cabo, realizada no Edifício da Liga Socialista Industrial, 3 de dezembro de 1918. In: S.A. Rochlin Collection of South African Political and Trade Union Organisations. [s.c.]: Concordia University Library Special Collection, B3A F12 15.; Cf. Também: JOHNS, Sheridan W. *Raising the...* op. cit. p. 89. e MANTZARIS, Evangelos. *Labour Struggles...* loc. cit.

¹⁵⁹ Primeira reunião, 10 de setembro de 1918. In: Minutes of the First, Second and Third Meetings of the Industrial Union of the Combined Sweet and Jam Workers, held in the Industrial Socialist League Hall, 1918. S. A. Rochlin collection, B3AQ F12 14.

¹⁶⁰ LOPES, Manuel. Cape Notes. *Int.*, 27 September 1918. Cape Notes. In: *Ibidem*, 21 December 1918. Cf. Também: MANTZARIS, Evangelos. *Labour Struggles...* op. cit. p. 13.

¹⁶¹ Segunda reunião, 17 de setembro de 1918. In: Docs. cit.

¹⁶² TUROK, L. Cape Notes. In: *Int.*, 24 de janeiro de 1919.

¹⁶³ Trade Union Notes. In: *Bols.*, maio de 1920. Comissário de Polícia, 1º de junho de 1920. Relatório sobre Bolshevismo na União da África do sul a Relatórios sobre o Bolshevismo na AS, p. 103. e MANTZARIS, Evangelos. *Labour Struggles...* op. cit. p. 25 e p. 106.

¹⁶⁴ *Ibidem*. *Labour Struggles in South Africa: The Forgotten Pages, 1903-1921*. Windhoek e Durban: Collective Resources Publications, 1995, p. 13.

ICU). Anos mais tarde, o ICU tornar-se-ia uma força importante. Nesse período inicial, tinha, como o IWA na Cidade do Cabo, aproximadamente, 800 seguidores.

O papel do ICU, nessa greve, foi extremamente exagerado em relatos posteriores – especialmente na história semioficial do ICU, escrita pelo seu líder Clements Kadalie – e o papel central, na verdade, fundamental, do IWA foi ignorado¹⁶⁵. De fato, a greve fora iniciada pelo IWA e liderada pelo IWA. Fora declarada em um comício conjunto pelos dois sindicatos e o Congresso Nativo do Cabo (Cape Native Congress) em Ndabeni, a fortaleza dos sindicalistas revolucionários. O comício foi presidido por Kraai¹⁶⁶. Foi Cetiwe quem propôs a greve e que, em nome do IWA, comunicou aos empregadores as exigências dos grevistas, centralizadas na duplicação dos salários dos estivadores¹⁶⁷.

De início apoiada pela Federação de Trabalho do Cabo (Cape Federation of Labour) e pelo Sindicato Nacional dos Servidores das Estradas de Ferro e dos Portos (National Union of Railway and Harbour Servants – NURHAS), independente e com um grande número de brancos, a greve dependia do IWA e do ICU. Os dois sindicatos realizaram grandes assembleias no “Grand Parade”, na parte da manhã, seguidas de comícios vespertinos na rua Adderley¹⁶⁸. A polícia e os soldados reagiram com a expulsão dos grevistas de Docks Location, outro gueto africano com ligações com a IWA, na véspera do Natal¹⁶⁹. Sob pressão, os sindicatos brigaram e a greve se desintegrou.

A greve foi, na verdade, cancelada pelo IWA e pelo *Cape Native Congress*, não pelo ICU. Os dois sindicatos se reconciliaram mais tarde, realizando um comício conjunto de 300 pessoas no “Grand Parade”, em março de 1920¹⁷⁰. Embora tivessem ganho a greve, os empregadores brancos estavam suficientemente abalados e concederam, sem alarde, algumas exigências dos grevistas nos meses que se seguiram. Essa greve é considerada uma das mais importantes da história da África do Sul, uma das primeiras estabelecidas entre as pessoas de cor, trabalhadores que, organizados através de seus próprios sindicatos, foram vitoriosos. Isso torna o papel do IWA ainda mais interessante.

¹⁶⁵ KADALIE, Clements. *My Life and the ICU: the autobiography of a black trade unionist*. Londres: Editado e apresentado por Stanley Trapido, 1970, p. 42.

¹⁶⁶ WICKENS, Peter L. *The Industrial and commercial Workers' Union of Africa*. Cidade do Cabo: Universidade da Cidade do Cabo, (PhD), 1973, p. 67.

¹⁶⁷ CETIWE, Fred. To the Mayor of the City of Cape Town. In: *Strike of Natives in Docks*, 3/CT, 4/1/4/286, F31/4, Arquivos do Cabo.

¹⁶⁸ KADALIE, Clements. *My Life...* op. cit., pp. 69-74.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 43. e WICKENS, Peter L. *The Industrial...* op. cit., pp. 73-79 e pp. 82-83.

¹⁷⁰ Ibidem, p. 84.

ECOS E LEGADOS NA ÁFRICA DO SUL A PARTIR DE 1921

Cetiwe e Kraai haviam tentado empurrar o SANNC para uma política militante de ação grevista, no seu congresso anual de 1918, e repetiram a performance no congresso do SANNC de 1920. Foram derrotados, mas o SANNC resolveu, pelo menos, apoiar, embora sem participação, uma conferência geral do trabalho em Bloemfontein naquele ano. O comício atraiu africanos emergentes e sindicatos de cor de todo o país, inclusive o IWA e o ICU.

Esses sindicatos decidiram unir-se, ao sul do Zambezi¹⁷¹, sob a bandeira do ICU de *One Big Union* de trabalhadores especializados e não especializados da África do Sul. O *One Big Union* não era, meramente, uma figura de retórica. O ICU, repetidamente, invocava a visão da “abolição da classe capitalista” através de uma única grande greve¹⁷², elaborou uma constituição baseada no IWW de Chicago¹⁷³ e, mais tarde, provocou a ira do CPSA por causa de suas “ostensivas tendências anarco-sindicalistas”¹⁷⁴.

O ICU era eclético demais, entretanto, para ser denominado, verdadeiramente, sindicalista revolucionário. O ponto principal era que, no ICU, o sindicalismo revolucionário do anarquista russo Mikhail Bakunin colidiu, entre outras coisas, com o pan-africanismo do nacionalista negro da Jamaica Marcus Garvey. Entretanto, embora a política do ICU fosse uma mistura instável e impetuosa de diversos elementos, é indiscutível que o sindicalismo revolucionário constituiu um ingrediente importante e central naquela mistura.

¹⁷¹ Citado em: *Ibidem*, pp. 145-146.

¹⁷² Por exemplo, Diretor Divisional de Investigações Criminais, Divisão do Witwatersrand, 1º de maio de 1926. RELATÓRIO Confidencial para o Comissário interino, Polícia da África do Sul, Divisão do Witwatersrand, Johannesburg, no fichário do Departamento de Justiça, JUS 915 1/18/26 parte 2, Pretoria: Arquivos Nacionais.

¹⁷³ CARTER, Gwendolyn, e KARIS, Thomas (org.) *Sindicato dos Trabalhadores Comerciais e Industriais da África* (1925). “Revised Constitution of the ICU”; CARTER, Gwendolyn e KARIS, Thomas (org.), *From Protest to Challenge: a documentary history of African politics in South Africa, 1882-1964*, vol. I, 1972, pp. 325-326.

¹⁷⁴ NZULA, Alfred [1935]. *The Struggles of the Negro Toilers in South Africa*, de Alfred Nzula; appendix to Alfred Nzula, I.I., POTEKHIN, e ZUSMANOVICH, A. *Forced Labour in Colonial Africa*. Londres: Zed Books, editado e introduzido por Robin Cohen, [1ª. ed. 1933], 1979, p. 206.

O proletariado multi-racial sul africano dá as boas vindas ao Red Dawn em Maio de 1920, capa do jornal da Liga Industrial Socialista, com o nome enganador de *O Bolchevique*



Fonte: *The Bolshevik*, May 1920

Na década de 1920, o ICU explodiria, em toda África do Sul, com um auge de 100.000 membros, que eram, principalmente, africanos, sobretudo da zona rural. Mesmo em 1921, a África do Sul ainda era extensamente rural, com um total de 6.928.000 habitantes, dos quais 1.733.000 pertenciam à população urbana, abrangendo 845.000 brancos e 888.000 de outros grupos¹⁷⁵. O ICU foi o maior movimento de massa africano, naquele país, até a década de 1940, sobrepujando o CPSA e o SANNC e se destacou por ter sido o único movimento sindical no país a desenvolver uma significativa base rural.

O ICU também se espalhou pelas colônias vizinhas: África do Sudoeste, atual Namíbia, em 1920; Rodésia do Sul, atual Zimbábue, em 1927, e Rodésia do Norte, atual Zâmbia, em 1931. Dessa forma, difundiu elementos do sindicalismo revolucionário para áreas muito mais distantes.¹⁷⁶ Essas filiais do ICU eram, intimamente, ligadas ao

¹⁷⁵ KOTZÉ, D.J. Die Kommunistiese Beweging in Suid-Afrika tot die Stigting van die Kommunistiese Party van Suid-Afrika in 1921. RELATÓRIO de pesquisa. Institute for the Study of Marxism. *University of Stellenbosch*. 1987, pp. 73-74.

¹⁷⁶ VAN DER WALT, Lucien. *The First Globalisation and Transnational Labour Activism in Southern Africa: White Labourism, the IWW and the ICU, 1904-1943*. *African Studies*. [s.c.]: [s.e.], Vol. 66, nsº.2/3, 223-

corpo central sul-africano, com o direito de representação nos seus congressos e, no caso da Rodésia Meridional, uma obrigação de entregar uma porção de seus direitos para os sul-africanos.

A migração do trabalho africano, através das fronteiras do sudoeste da África, desempenhou um papel importante na difusão do ICU. A partir da década de 1920, as autoridades coloniais, na Rodésia do Norte, estavam, dolorosamente, conscientes do papel dos migrantes trabalhadores que retornavam da África do Sul e da Rodésia Meridional disseminavam ideias subversivas e “avançadas”¹⁷⁷. O aparecimento do ICU, a partir de 1931, foi, na verdade, o trabalho de Joseph Kazembe, que fora, há pouco tempo, deportado da África do Sul¹⁷⁸.

Ideologicamente, as filiais do ICU também estavam intimamente ligadas ao corpo sul-africano, o maior de todos. Charles Mzingeli, líder do ICU da Rodésia do Sul, declarou, mais tarde, que o seu sindicato dependia dos exemplos e das ideias de Kadalie “como Jesus”¹⁷⁹. Embora o ICU começasse a se desintegrar, na África do Sul, na década de 1930, esse não foi, necessariamente, o caso em outros lugares. Sob a direção de Mzingeli, o ICU continuou forte na Rodésia do Sul até o final da década de 1950.

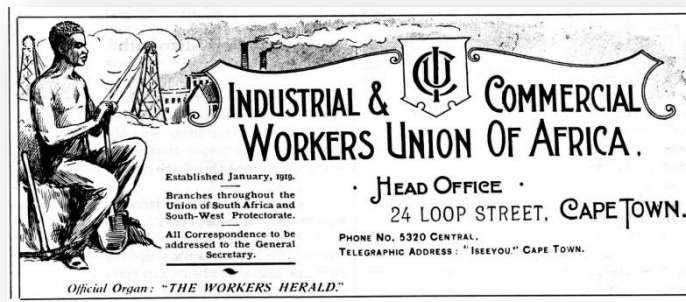
251, [s.m.], 2007, pp. 223-251 e pp. 237-243.

¹⁷⁷ Citado em: MEEBELO, H.S. *African Proletarians and Colonial Capitalism: the origins, growth and struggles of the Zambian Labour movement to 1964*. Lusaka: Kenneth Kaunda Foundation, 1986, pp. 46-47.

¹⁷⁸ *Ibidem*, p. 52, nota 29 e páginas 81, 101 e 161.

¹⁷⁹ Transcrição de entrevista, Charles Mzingeli, 15 de setembro de 1970, Harare Township, Zimbabwe, conduzida por Ray Roberts, Murray Steele, Tobias Mapuranga, parte 1, 3. Cortesia de Timothy Scarnecchia.

O logo do ICU, que posteriormente incorporou o Trabalhadores Industriais da África e uma versão do Preamble do IWW de 1908.



Fonte: Luli Callinicos, 1987, *Working Life: factories, townships and popular culture on the Rand, 1886-1940*, Ravan Press, Johannesburg, p. 107

Assim, as ideias de anarquismo e sindicalismo revolucionário, introduzidas, no final do século XIX, pelos imigrantes brancos, ecoaram na África do Sul, através de migrantes africanos, até os meados do século vinte.

Enquanto isso, o primeiro Partido Comunista da África era formado, em outubro de 1920, pela Ind/SL, juntamente com uma grande dissidência da seção do IWW pró-Chicago do ISL. Liderado por Dunbar, esse partido conservava uma perspectiva, basicamente, sindicalista revolucionária antiparlamentarista. Isso se comparava ao surgimento de “Partidos Comunistas” similares, basicamente anarquistas, em países como Brasil e México, nessa época. Nesse Partido Comunista sindicalista revolucionário de 1920, subsequentemente, fundiram-se a ISL, o SDF e outros grupos para formar o CPSA oficial em meados de 1921. A maioria dos líderes iniciais do CPSA vinham do SDF, da IndSL e da ISL¹⁸⁰. Até mesmo a história oficial do CPSA admite que “conceitos sindicalistas permaneceram dentro do Partido Comunista durante muitos anos após sua fundação. Os ecos dos seus enfoques e sua fraseologia aparecem em muitos documentos e periódicos”¹⁸¹.

Gomas, importante líder de cor do CPSA, tinha sido “educado na tradição” da ISL e lera “Marx apenas superficialmente”. Ele continuava a defender o *One Big Union* até o final da década de 1920.¹⁸² Uma porção centralizada, em Dunbar, aliou-se ao

¹⁸⁰ GLASS, Frank. South African Communist Party. In: *Worker's Dreadnought*, 27 de agosto de 1921.

¹⁸¹ HARMEL, Michael. *Fifty Fighting...* op. cit., p. 40.

¹⁸² MUSSON, Doreen. *Johnny Gomas...* op. cit., pp. 30-31 e p. 49. Ibidem, p. 106, pp. 116-126 e pp. 132-138.

grupo do *Workers' Dreadnought*¹⁸³ na Grã-Bretanha, que defendia um sindicato revolucionário quase sindicalista, a União Revolucionária de Todos os Trabalhadores dos Comitês de Oficinas (All-Workers Revolutionary Union of Workshop Committees)¹⁸⁴. O *Workers' Dreadnought* foi, até mesmo, introduzido em eventos do CPSA e em outros lugares antes de 1928.¹⁸⁵ Apenas no período da Nova Linha, de 1928-1935, marcado por uma atração pela “bolshevização” aconteceria uma ruptura decisiva com o passado sindicalista revolucionário.

O terceiro eco do sindicalismo revolucionário seria encontrado no Conselho de Ação, um grupo radical originado no Comitê dos Trabalhadores, operando como uma facção dissidente no Sindicato de Mineiros Sul-africanos (South African Mine Workers Union), que era afiliado ao SAIF e sucessor da Associação dos Mineiros do Transvaal (Transvaal Miners Association – TMA). Suas figuras importantes eram Percy Fisher, Ernie Dshaw e Spendiff, cujo “objetivo principal... era que os trabalhadores, de alguma forma, deveriam tomar o controle das minas e dirigi-las eles próprios”¹⁸⁶.

O Conselho defendia a formação de “unidades industriais revolucionárias” e uma “Republica de Trabalhadores Industriais”¹⁸⁷, e tomou o controle, sumariamente, da revolta de Rand de 1922. A revolta começou como uma greve geral dos trabalhadores brancos, surgindo de uma luta para defender a barreira de cor de emprego nas minas. Logo desenvolveu características revolucionárias – uma milícia dos trabalhadores, o controle do espaço público, um profundo desafio ao estado e poder corporativo – e, finalmente, tornou-se uma insurreição armada, comandada por Fisher. A revolta é, atualmente, lembrada especialmente pelos ataques dos brancos contra os africanos, que marcaram seus últimos dias. Esses ataques encontravam, entretanto, forte oposição do Conselho de Ação e do CPSA (cujo líder, Andrews, foi cooptado para o Conselho). A revolta de Rand não pode ser

¹⁸³ *Workers' Dreadnought*: este jornal Britânico era publicado por uma ativista de direitos das mulheres, Sylvia Pankhurst, que foi de uma posição sufragista para uma posição radical, similar ao sindicalismo revolucionário. Expulsa do Partido Comunista da Grã Bretanha, ela foi a fundadora do que ficou conhecido como *Council Communism*.

¹⁸⁴ PANKHURST, Sylvia. Freedom of Discussion. In: *Worker's Dreadnought*, 17 de setembro de 1921.; PANKHURST, S. Our View. In: *Ibidem*, 23 de setembro de 1922.; Draft Constitution for All-Workers Revolutionary Union of Workshop committees. In: *Ibidem*, 23 de setembro de 1922.; What is the A.W.R.U.?. In: *Ibidem*, 8 de setembro de 1923. Cf. Também: SHIPWAY, Mark. *Anti-Parliamentary communism: the Movement for Workers' Councils in Britain*. London: Macmillan, 1988, pp. 13-18 e pp. 92-99.

¹⁸⁵ VERMONT, Isaac. Execution of Rand Strikers. In: *WD*, 25 de novembro de 1922. e VERMONT, Isaac. South African News. In: *Ibidem*, 31 de março de 1923; Idem. South African News. In: *Ibidem*, 5 de maio de 1923; Idem. Correspondence. In: *Ibidem*, 23 de maio de 1923.

¹⁸⁶ COPE, R. K. *Comrade Bill...* op. cit., p. 251.

¹⁸⁷ PATE, F.W. e McDERMID, A. Manifesto of the Mineworkers. In: *WD.*, 18 February 1922.

compreendida fora do contexto da onda internacional das revoltas proletária e anticolonial que varreu o mundo no período entre 1916 e 1924.

CONCLUSÃO

O anarquismo e o sindicalismo revolucionário constituíram um movimento entrelaçado, internacional e altamente influente, desde 1880 até a década de 1930. Na África do Sul, também, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário desempenharam um papel relevante. O anarquismo de Kropotkin e o sindicalismo revolucionário do IWW confrontaram uma situação colonial e lutaram contra uma questão nacional extremamente complicada. Diante a esses desafios, o movimento provou ser dinâmico, habilidoso e fiel ao seu internacionalismo teórico. A sua história, então, é importante para uma apreciação de como o anarquismo e o sindicalismo revolucionário desenvolveram-se em contextos coloniais e pós-coloniais. Além disso, é importante para o entendimento da própria história da classe trabalhadora e do radicalismo negro na África.

Recebido em 01/01/2010.

Aprovado para publicação em 15/03/2010.